N.º 314 — 14.º ano

16-JANEIRO-1939

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

16-JANEIRO-1939
N.º 314 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

PROF. DR. AUGUSTO MONJARDINO

O ilustre prof. dr. Augusto Monjardino, uma das mais altas celebridades clínicas de Portugal, acaba de ser eleito Presidente da Direcção da Sociedade de Ciências Médicas em substituïção do prof. dr. Francisco Gentil, cujo mandato terminara. Assim, pois, o tão pertinaz quão benemérito fundador da Maternidade Alfredo Costa, vai ter o encargo de organizar novas sociedades a que o novo Hospital Escolar dará ensejo, encargo de que se desempenhará magistralmente com o seu profundo saber de homem de ciência e o seu tão nobre quão generoso coração

ACTUALIDADES DA QUINZENA

As senhoras dirigentes das Juventudes Católicas Femininas visitaram o sr. Cardial Patriarca, após a realização do Conselho Plenário. A sr.ª D. Maria Camila saudou Sua Eminência, dirigindo-lhe palavras de respeitosa homenagem em nome das senhoras dirigentes que, a seguir, entoaram um interessante côro falado. O sr. Cardial Patriarca agradeceu a saudação, congratulando-se com o êxito dos trabalhos e acção das J. C. F.

O novo bastonário da Ordem dos Advogados, sr. dr. Carlos Pires, agradecendo as manifestações de que foi alvo por ocasião de tomar posse do alto cargo. A cerimónia assistiram conselheiros, desembargadores, juizes e muitíssimos advogados, estando presentes altas figuras da magistratura e do fôro. — *A' direita:* Homenagem prestada na esquadra de Alcântara à memória dos guardas da P. S. P., João Oliveira e António Fragoso mortos em 1933 quando defendiam a ordem contra os comunistas

A assistência ao almôço de confraternização dos professores e antigos alunos da Escola Comercial Veiga Beirão. Presidiu o sr. dr. Raúl Valentim Lourenço, director da Escola que propôs um minuto de silêncio, como preito de homenagem pela memória dos professores e alunos mortos. Depois de terem falado alguns alunos, usaram da palavra os srs. dr. Miguel de Almeida, dr. Rui Gomes de Carvalho, dr. Filomeno Lourenço, dr. Magnus Bergström, dr. Alfredo Soares e dr. Raúl Valentim Lourenço que terminou patenteando o seu mais ardente desejo de ver repetir-se por muitos anos festas como aquela na feliz companhia de todos os presentes

ECOS DA QUINZENA

A constituïção do tribunal em Santa Clara para julgamento dos implicados no atentado contra o sr. Presidente do Conselho. Presidiu o sr. coronel Luiz da Gama Ochôa; juiz auditor, dr. Gilberto da Beça Aragão; vogal, major Carvalho Viegas; suplentes, coronel José dos Anjos e major Andreia Ferreira e secretário, tenente António de Faria Pais

O sr. Cardial Patriarca recebendo os cumprimentos do clero diocesano por ocasião da entrada do novo Ano. — *A' direita:* O sr. general Amilcar Mota com Beatriz Costa e Chianca de Garcia na *soirée* de gala realizada no Tivoli para a estreia do filme «Aldeia da Roupa Branca» que constituiu mais um triunfo para a simpática vedeta que tantas aspirantes tentam imitar... na franja

Um aspecto do banquete no Arcádia em que o pessoal do «Diário de Notícias» se reüniu comemorando o aniversário dêste grande jornal. Foi uma grandiosa manifestação de camaradagem e solidariedade entre todos os que trabalham no «Diário de Notícias» desde os seus elementos mais categorizados aos seus mais humildes obreiros

AS COMEMORAÇÕES DO ANO NOVO

O Chefe do Estado com o Govêrno na recepção no Palácio de Belém. Além do sr. Cardial Patriarca e do Corpo Diplomático, desfilaram milhares de pesso s perante o sr. Presidente da República que aproveitando a solenidade do dia, dirigiu pela radiotelefonia uma eloquente mensagem a todos os portugueses

O Chefe do Estado agradecendo, na Câmara Municipal os cumprimentos que a Cidade de Lisboa lhe dirigiu. O sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, presidente do Município proferiu um patriótico discurso. *A' direita:* A leitura da mensagem que as instituições de assistência dirigiram ao Chefe do Estado

Um dos grupos de crianças na escadaria exterior do Palácio da Assembleia Nacional. Seguiu-se um desfile de milhares de criancinhas e velhos asilados de instituições de assistência particular e das que são mantidas pelas juntas de freguesia de Lisboa sendo o sr. Presidente da República saudado entusiasticamente por êsses milhares de corações agradecidos

FASTOS DO ANO

UMA coisa que tentou Ovidio — os acontecimentos do ano, postos numa seqüência de calendário.

Entre nós teve a mesma ideia o padre Francisco Manuel de Nascimento, em literatura Filinto Elísio, poeta de valor que viveu com um pé no século XVII e outro no século XVIII, e que se agüentou muito bem em equilíbrio, com a maromba da glória.

Júlio de Castilho, mais tarde, foi-lhe no encalço, nessa mesma ideia, e escreveu os *Fastos portugueses*, dos quais tenho aqui presente o primeiro livro.

Parece não ser tarefa muito fácil, visto que Filinto Elísio só conseguiu rimar a tal respeito cento e quarenta versos.

Não é meu intento imitar tão ilustres cantores nem os fastos que vou trazer aqui precisam que eu invoque as musas.

São fastos — infaustos, infinitamente dolorosos. Os que passaram em girândolas de alegria não me interessaram grandemente.

Interessam-me mais, chegam-me mais à minha sensibilidade os acontecimentos trágicos que marcam a sua passagem com uma pedra negra.

■

Foram bastantes as desgraças que nos trouxe o ano que findou, sem falar na desventura espanhola que continua a espalhar nas almas a dor e a mágoa, e uma latente raiva que nenhum de nós conseguiu, só com as suas preces e os seus vivos desejos de paz, pôr um ponto final em tão cruciante amargura.

As azas negras que por momentos pairaram sôbre a Europa escureceram os espíritos, que se encheram de dúvidas e sobressaltos pelo dia de amanhã.

Homens de boa vontade enxotaram para longe a ave agoureira, que teima em vir de vez em quando lançar a sombra do seu negror no ceu e nos espíritos, já tão perturbador e ainda mal refeitos de passados horrores.

Esperemos que desta vez o espectro da guerra se tenha retirado para sempre do nosso horizonte.

■

Em Portugal, cujo céu azul teima em conservar-se limpo das nuvens assustadoras das complicações internacionais, alguns desastres vieram enlutar o nosso povo tão ordeiro e prudente, desastres que só um mau destino comandou.

Entre elas, uma houve, porém, que impressionou mais profundamente o coração dos portugueses.

Foi êsse abalroamento do *Tonecas*, o nome garoto que trazia consigo um *sobriquet* lutuoso, sem o saber, que levou tantas vidas para o Tejo e vestiu de negro muitas famílias.

A descripção duma desgraça é sempre motivo de comoção, é sempre fonte de lágrimas sinceras, mesmo quando às vítimas não nos liga nenhum laço de parentesco próximo.

Basta-nos o laço com que Deus prendeu toda a humanidade — o laço de irmãos em Cristo.

Por isso, uma desventura, ainda que se dê num país muito longe do nosso, não pode deixarnos indiferentes, e todos nós choramos, juntando o nosso pranto, que é o sinal da dor comum, ao daquêles a quem tal desventura feriu mais de perto.

■

O balanço dêste ano, de suas glórias e tristezas, não pode fechar-se, sem falsear as contas, não citando o nome de António Germano, êsse moço valente que morreu agarrado ao leme do seu barco, que não o largou nem mesmo no fundo do charco, soldado a êle pela mão impiedosa dum fado cruel.

Portugal, berço de herois, hade ser eternamente honrado pela bravura dos seus filhos, pela sua nítida compreensão das responsabilidades.

Que importa que apareça, de vez em vez, um bandido que deslustre a sua raça, quando as páginas da história se orgulham de tantos nomes que se elevaram no conceito das gentes?

Ao lado de tantos que a posteridade hade continuar a respeitar como exemplo das virtudes luzíadas, fica bem êste nome modesto, de origem simples — um brilho do povo que se enobreceu com os pergaminhos do seu próprio salvador — António Germano. *O homem do leme* merecia uma estátua.

Não haverá algumas com menos razão?

Embora! Se as não tiver em terra firme te-la-á na nossa recordação, e o rolar das vagas desenhará na areia o seu nome imperecivel, como alto expoente da coragem lusa.

Que importa que surja, de longe a longe, um facínora a cometer tôda a espécie de infamias? Nem por isso consegue denegrir a reputação de seus pais, quanto mais os seus compatriotas.

MERCEDES BLASCO

UMA VISITA ÀS BERLENGAS

Contemplando a luz viva do seu farol

Farol à vista

BEM recostados num óptimo *maple*, gozando o luxo e os prazeres que lhes oferecem essas maravilhosas cidades flutuantes que são os modernos transatlânticos, os passageiros nem ao de leve pensam no quanto de útil são os farois ao barco que os transporta.

Um ou outro, geralmente dos que vêm mal alojados no convés da terceira, desfeitos os sonhos quiméricos que o levaram em busca de fortuna a longínquas paragens, ainda procura descortinar, cheio de ansiedade, essa luz brilhante e movediça que assinala a presença de terra. É que talvez além estejam uns pais queridos, um irmão ou um amigo que não esqueceram, uma noiva estremecida. Ou — quem o sabe? — sòmente almeja chegar quanto antes à terra que lhe foi berço e que lhe há-de dar o pão na velhice. E nada mais.

Já os velhos *lobos do mar*, principalmente os tripulantes de navios de pequena tonelagem ou de menor capacidade de resistência à fúria das águas, não mostram o mesmo desinterêsse pelos farois e para com os faroleiros: e nem é a primeira vez — não há ainda muito que os jornais disso fizeram eco — que êles arriscam a sua vida para alimentar ou para socorrer êsses modestos obreiros que se sacrificam a estar dias e dias, quando não meses seguidos, isolados e não raro mal alimentados para serem úteis aos seus semelhantes.

Na verdade, desde os dois fogos que ardiam durante a noite na Ilha de Pharos, junto à cidade de Alexandria, no tôpo duma alta tôrre de mármore branco que Ptolomeu Philadelpho mandou erigir em 285 A. C. e foi classificada como uma das sete maravilhas do mundo: Quantos milhares de farois, por essas costas além, não têm salvo de morte certa e horrorosa tantos e tantos que, na procura do pão de cada dia, são surpreendidos no mar por tempestades que os desorientam e ameaçam subverter? O farol, que mal se exerga ao longe, é a estrêla que conduzirá os pobres navegadores, já exaustos e crentes de que o seu fim está chegado, ao pôrto de salvação, ao abrigo, à vida, ao seio da família.

* * *

Pode dizer-se que o farol é coevo da navegação. Antes da famosa tôrre de Pharos já existia iluminação costeira e de um se dá conta no séc. IX A. C. no alto do Cabo Sigeu.

Aperfeiçoado a pouco e pouco, desde a alimentação por fogos de lenha e carvão até à moderna incandescência eléctrica, passando pelos archotes de resina inflamada, pelas lâmpadas grosseiras, pelos óleos pesados, hoje não há costa marítima em que o farol não brilhe.

Pois apesar de existência tão antiga, de sobejamente conhecidas as suas enormes vantagens e de Portugal ser um País de navegadores e marinheiros, só em 1515 se instalou o primeiro farol no nosso País. Esta iniciativa partiu do Bispo do Algarve que, mandando-o erigir no Cabo de São Vicente, confiou a sua guarda aos frades dum convento que próximo fundára.

Com Pombal foi porém publicado em 1758 um alvará, que um criterioso estudo da forma de iluminação do litoral português tinha antecedido, em que se mandavam construir vários farois.

A construção do da Berlenga, que visitamos agora, foi prevista nesse diploma, embora só em 1841 tenha sido edificado com o nome de *Farol do Duque de Bragança*.

Até 1570, ano em que foi transferido para Obidos, existiu aqui um convento de frades jerónimos, fundado pela viúva de D. Duarte, raínha D. Leonor, segundo uns, por D. Maria, espôsa segunda de D. Manuel, na opinião de outros. Ainda hoje lá se vêm umas pedras que se diz serem das ruínas da habitação fradesca da Berlenga Grande.

Num ilhéu próximo e ligado por uma ponte, a Fortaleza de São João Baptista, de grande importância estratégica e poder ofensivo em tempos idos, tornou-se célebre pela luta que sustentou com a armada castelhana que em 1580, após a ocupação de Lisboa pelo Duque de Alba, tentou apoderar-se daquele baluarte que arvorava, altaneiro, o pavilhão das quinas.

Foi prolongada a luta e inglória para o inimigo, que decidiu retirar com meio milhar de mortos e perda de três navios. E assim teria acontecido se não fôsse a traição de um soldado que conseguiu fugir e chegar às naus dos atacantes, aos quais fez sabedores de que as munições estavam esgotadas.

Dado novo assalto, viram-se os portugueses obrigados a depôr as armas após terem esgotado todos os recursos. O heróico comandante da praça pagou com a vida a sua dedicação e bravura.

Hoje tudo é tranqüilo: ao redor do farol umas quantas casitas de pescadores com crianças alegres e buliçosas brincando sob êste acariciante sol de Janeiro.

É encantadora a vista do alto da tôrre do farol num dia de atmosfera bem límpida.

Para lá, para o largo, tudo é azul, muito azul, confundindo-se na linha do horizonte a côr das águas com a da abóbada celeste.

— Uma vela branca. Lá tão longe! Mal se distingue!

A água vem de encontro aos rochedos docemente, em ressaca monótona e embaladora.

— Mas nem sempre é assim. Quando o mar se encapela... Nosso Senhor nos acuda!

É um velho pescador, antigo faroleiro, que me fala. Fronte tisnada, as maçãs do rosto salientes, uma cara inexpressiva, como que com os músculos faciais paralizados, mas um olhar vivo, o inseparável cigarro ao canto da bôca e o indispensável boné na cabeça, é o perfeito tipo de marinheiro.

E enquanto êle ma vai descrevendo, vejo passar ante os meus olhos a sinistra visão: Uma noite muito escura, das que, como se costuma dizer, não se vê um palmo ao diante do nariz. Chove torrencialmente.

As ondas, ora mudadas em vagas pela violência do vento, transformam esta doce melopeia em música de orquestração nunca ouvida, em ópera wagneriana de proporções desmedidas.

Ao longe, um vapor apita desesperadamente. Mas quem, debaixo dêste temporal, pode aventurar-se a ir-lhe prestar socorros? Barco lançado à água, é barco que logo se desfaz contra as rochas.

— A nossa preocupação é a de que o farol não deixe de iluminar. Para isso fazemos todos os sacrifícios, arriscando muitas vezes a vida para conseguir chegar até êle.

E continua:

— São dias e dias assim, sem se poder sair de casa, num isolamento absoluto. E depois são os víveres que começam a faltar. Há anos — lembra-se? — teve que um avião vir lançar-nos mantimentos em sacos...

Nestes dias de bonança, os homens empregam o seu tempo na pesca da sardinha, que aqui é abundantíssima e da melhor qualidade... Olhe!

Lança isca à água e logo o peixe pulula em volta, numa luta pela existência que tem seu quê de semelhante à dos habitantes da Berlenga.

Desafiando as ondas

* * *

As horas passam vertiginosamente, num encanto que não tem fim, e já no regresso do barco que me conduz a Peniche eu vou observando as velas que se encaminham para a pesca, ao mesmo tempo que penso nos formosos versos de António Nobre:

«...

«Oh, as lanchas dos Pòveiros!
«A saírem a barra, entre ondas e gaivotas!
«Que estranho é! . . . .
«Fincam o remo na água, até que o remo tôrça,
«Á espera da maré,
«Que não tarda hi, avista-se lá fora!
«E quando a onda vem, fincando-o a tôda a fôrça,
«Clamam todos à uma: «Agora! Agora! Agora!»
«E, a pouco e pouco, as lanchas vão saindo,
«(Ás vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)
«Que vista admirável! Que lindo! que lindo!
«Içam a vela, quando já têm mar:
«Dá-lhes o Vento e tôdas, à porfia,
«Lá vão soberbas, sob o céu sem manchas,
«Rosário de velas, que o vento desfia,
«A rezar, a rezar, a Ladaínha das Lanchas

«...»

De súbito, um marinheiro chama a minha atenção para uma caverna da costa:

— Sabe que rocha é aquela? É o sítio de Fr. Rodrigo. Mais lá para diante, são os Passos de D. Leonor.

E conta-me a interessante lenda, que nos recorda o entrecho do "Amor de Perdição» do imortal Camilo:

Viviam em Peniche duas famílias fidalgas, que se detestavam.

Leonor, filha de uma dessas famílas, fôra requestada por um mancebo chamado Rodrigo, herdeiro da outra.

Amaram-se apaixonadamente e, claro está, no maior segrêdo.

Porém, sabendo um dia dos amores do filho, o pai de D. Rodrigo obrigou-o a entrar como noviço no convento das Berlengas.

Cotidianamente, ao anoitecer, o moço vinha no barco dum pobre pescador e em sua companhia a um sítio combinado, onde Leonor o esperava.

Esta, mal se apercebia do ruído dos remos na água, acendia uma fogueira, que indicava ao amante a posição onde o aguardava.

Um noite, a luz não apareceu.

Ansioso, dirigiu-se ao sítio combinado. Uma coisa negra boiava. Apanhou-a: era a capa de Leonor.

Não havia dúvida: a pobre enamorada, perseguida pelos irmãos e pelo pai, ao saltar de pedra em pedra, escorregara e caíra à água.

Louco de dôr, Rodrigo, sem que o companheiro tivesse tempo de o evitar, lançou-se às ondas e desapareceu no abismo oceânico.

Dias depois, os cadáveres de ambos fôram dar à costa, nos sítios que ainda hoje conservam o seu nome.

...E o meu pensamento, que ainda há um quarto de hora me levava embevecido para a "Ladaínha das Lanchas» de António Nobre, conduz-me agora (digam lá que a teoria filosófica da associação das ideias não é verdadeira!) para o ultra-romântico Soares de Passos, evocando algumas quadras do seu delicioso, se bem que doentio, *Noivado do Sepulcro*, que as nossas avós cantavam ao piano:

"Amor! engano que na campa finda,
"Que a morte despe da ilusão falaz:
"Quem de entre os vivos se lembrará ainda
"Do pobre morto que na terra jaz?»

Na verdade, que influência terá exercido esta velha lenda que, segundo me informam, corre entre os pescadores de Peniche desde tempos antigos, tão antigos que não é possível fixá-los?

Outro aspecto do farol

O romantismo da lenda, o surdo baquear dos corpos na água, o gélido contacto de água fria, o supremo instante em que se sente a Morte, o grito desesperado de Leonor...

Tudo isto me passa em turbilhão pela mente, com um arrepio terrificante.

Mas o "Noivado do Sepulcro» obsedia-me:

Oh! vem! se nunca te cingi ao peito,
Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
Quero o repouso do teu frio leito,
Quero-te unida para sempre a mim!

Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletos um ao outro unido,
Foram achados num sepulcro só.

Aquele louco amor, tão grande que levou o pobre amante ao desespêro, pode bem ser o que o Poeta nos conta.

Romeu e Julieta, Werther e Carlota, Paulo e Virgínia...

Também êste quis acompanhar a sua amante ao seio das águas, onde decerto se uniriam numas esponsais que a Vida lhes não consentiu, e que só a Morte lhes permitiria realizar, juntando-os no Nada donde vieram ou no "assento etéreo onde subiram» — conforme a crença de Camões.

* * *

Salto em terra, e pensando mais uma vez nas noites de tormenta na Ilha Berlenga, presumo que o pescador supersticioso verá, de mistura com os fantasmas de que a sua mente se povôa, os de Rodrigo e Leonor procurando realizar, protegidos pela fúria dos elementos, uma entrevista macabra de além-túmulo.

GASPAR DA CRUZ FILIPE.

...como um monstro marinho...

A Joaninha entra na sala, onde estão visitas, e diz em voz alta à mãe:

— Mamã! está lá fora o cabeleireiro, que traz a tintura para o cabelo...

A mãe, sem se atrapalhar:

— Está bem, minha filha. Vai avisar o papá.

■

Um médico vai vêr um doente e receita-lhe, como principal meio de se curar, um banho diário de água doce. Passados dois dias volta a casa do doente e pregunta se êle tem tomado os banhos:

— Tenho sim, senhor doutor, mas não posso continuar a tomá-los porque são muito caros.

— Caros?! — replica o doutor.

— Caríssimos: só de açúcar são 3 quilos, e olhe que ainda não ficam bem doces.

■

Numa loja de peles de luxo, havia como reclamo ao estabelecimento, um urso embalsamado.

Um saloio entra na loja com seu filho, e diz para êste:

— Não te chegues ao urso!

— Porquê, papá, tem perigo?...

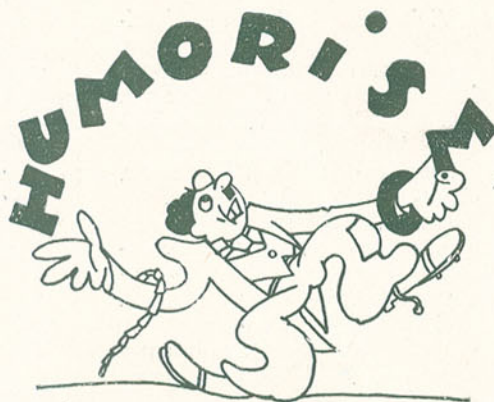
— Quem sabe lá? essa fera pode estar mal embalsamada!

■

Numa casa rica, onde havia numerosa criadagem, foi admitido como cozinheiro um chinês.

Os criados, embirrando com o novo colega, começaram a fazer-lhe tôda a espécie de partidas: encher-lhe de areia os sapatos, colocar-lhe alfinetes na cama, e outras gracinhas semelhantes.

Paciente, como todos os da sua raça, o chinês sofria resignado tudo o que lhe faziam, até que, um dia, o mordomo lhe confessou:

— Tudo o que te temos feito era para te experimentar. Como mostrás-te ser bom rapaz, passamos de hoje em diante a ser teus amigos.

— Então não tornam a fazer-me partidas?

— Pois não.

— Nesse caso, também eu a partir de hoje, não tornarei a cuspir no café que vos servia.

■

Numa pastelaria:

— A como são estes biscoitos?

— A tostão a meia dúzia.

— Seis por um tostão, isto é, por cinco vintens. Então vem a ser cinco por quatro vintens, quatro por três, três por dois, dois por um, e um de graça! Dê-me um!

■

Certo indivíduo, viajando na Escócia, visitou uma quinta que lhe diziam ser digna de vêr-se, não só pela beleza do panorama que dali se disfrutava, mas pelas suas tradições históricas.

Entrando na sala de jantar, o visitante viu dentro de uma vitrina um tejolo, tendo ao lado uma rosa sêca.

Intrigado, preguntou ao escocês o que significavam aqueles dois estranhos e diferentes objectos.

O interpelado esclareceu:

— O senhor vê esta enorme cicatriz que eu tenho na testa? Pois foi feita com êste tejolo.

— E a rosa?

— Ah! a rosa... essa nasceu na sepultura do homem que me atirou o tejolo à cabeça...

■

Numa casa bancária entram duas senhoras, uma das quais pretende receber certa quantia.

— Não posso pagar-lhe, minha senhora — diz-lhe um empregado — sem que prove a sua identidade, com uma testemunha pelo menos.

— Tem aqui esta minha amiga que testemunhará.

— Mas é que eu também não conheço essa senhora.

— Tem razão, desculpe... E eu que me esqueci de lha apresentar!

■

— Então, tu, com essa idade, e não vais à escola?

— Para quê, se não sei ler?

■

Dois amigos viajam por mar.

No dia seguinte ao da partida um dêles levanta-se mais cedo e vai visitar o outro ao camarote, encontrando-o ainda deitado no beliche e de touca de senhora na cabeça.

— ?

— Cala-te, palerma! Tu não sabes que cá a bordo em caso de sinistro os primeiros a serem salvos são as crianças e as senhoras?!

■

Numa aula de inglês o professor esforça-se para fazer compreender a um dos seus discípulos que *i* se pronuncia *ai*, mas não o conseguindo, diz ao rapaz:

— Levante-se e volte-se.

O rapaz obedece, e o professor dá-lhe um tremendo pontapé.

— Ai! exclama o discípulo.

— É isso... assim... ora até que enfim!

■

O patrão para a criada:

— Ó rapariga, não vês que trouxeste um sapato preto e outro amarelo?

— Vi, sim senhor; mas é que o outro par que lá está é exactamente igual.

■

Certo enfatuado foi apresentado, num baile, a uma senhora, com quem, em seguida dançou uma valsa.

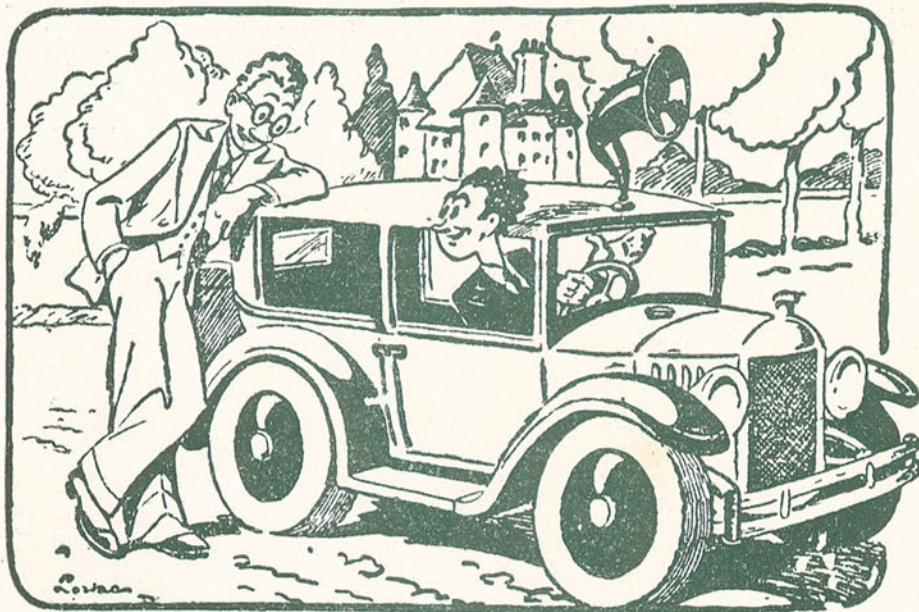
Depois acompanhou-a ao seu lugar, e ao agradecer-lhe, disse-lhe:

— Esta noite, minha senhora, creia v. ex.ª que fica sendo o dia mais formoso da minha vida!

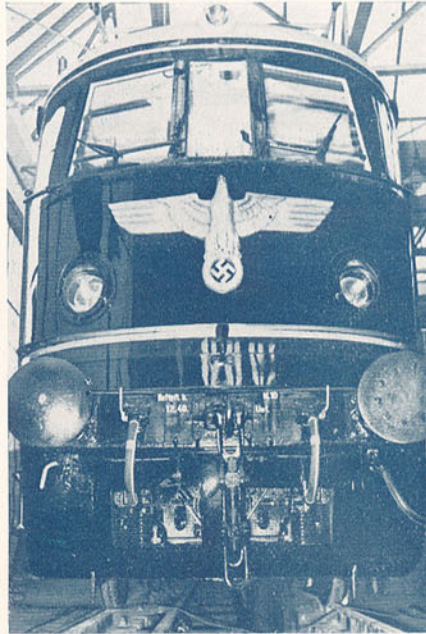
■

— Consente que lhe dê um beijo? Um só?

— Decerto que não.

— Então quantos?

— Êste modêlo é a última palavra do progresso; até tem receptor de telegrafia sem fios...
— Pois sim, mas com certeza que só podes receber ondas... curtas.

ACTUALIDADES DE ALÉM-FRONTEIRAS

Os aviadores Bœdecker e Zander que fizeram 50 horas de vôo sem motor em pleno inverno

O novo tipo de locomotiva alemã que desenvolve uma potência de 5420 cavalos por hora

Soldados de infantaria alemã exercitando-se no lançamento de obuses de grande potência

Ubaldo Rey, um dos chefes do fascismo da Tunísia, perante o tribunal por ter organizado um cortejo que as autoridades tinham proïbido

O Corpo Diplomático saindo do Eliseu após ter apresentado cumprimentos ao Chefe do Estado À frente, vê-se o Núncio Apostólico, Monsr. Valeri

A neve em Marselha, vendo-se o Velho Porto com um aspecto tão frio que até enregela quem o vê... em fotografia...

O generalíssimo Franco momentos antes de pronunciar o seu discurso evocativo da morte de José António Primo de Rivera

Eça de Queiroz — caricatura por F. Valença

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

De como escreveu "Os Maias" e "A Relíquia"

I

Pela carta de 28 de Novembro de 1878 a Ramalho Ortigão vê-se o estado de espírito de Eça, quanto ao seu plano de trabalho como romancista — enterrado já o projecto d'*A Batalha do Caia*.

O irmão de Ramalho, que residia no Rio de Janeiro, arranjara na *Gazeta de Notícias* uma situação para Eça, que responde assim:

"Comoveu-me; e aceitaria, quando não fôsse senão por a proposta vir dêle, tão amàvelmente formulada: mas ela é, além disso, vantajosa e benvinda.

"Eu tenho justamente um romance que estava *à espera de vez*: escrevi-o para ser a primeira parte das *Cênas*, mas, além de ser mais volumoso que o plano das *Cênas* comporta, (atinge quási a obesidade do *Primo Bazílio*) não me servia artìsticamente como Introdução às *Cênas*. Foi por isso que o substituí pela *Capital*, que é mais um trabalho de generalidade. O assunto é grave — incesto; mas tratado com tanta reserva, e numa meia tinta tão severa, que não *choca*. Chama-se — *Os Amores dum Lindo Moço*, título pretensiosamente mediocre. Poderei, *pour la circonstance*, chamar-lhe *O Brasileiro*: o heroi é-o. Como arte, tem tipos de que gosto — tratados numa nova maneira, a contornos grossos, de forte destaque: incidentes curtos, muito adaptáveis ao folhetim — enfim, o que justamente convém. Que a Gazeta faça a sua proposta. Também me alegra a ideia duma correspondência, quinzenal por exemplo, dando, numa maneira fácil, e, como seu irmão diz, alegre, o movimento científico, literário, artístico, e sobretudo social de Londres. Seria talvez, depois, um livro tolerável. Escreva-o logo a seu irmão, *pour que je sache à quoi m'en tenir*."

O romance — *Os Amores dum Lindo Moço* é, decerto, o mesmo que designara, nas Cartas a Chardron, sob a designação, primeiro de *O Desastre da Travessa do Caldas*, e, depois, sucessivamente, de *O caso atroz de Genoveva* e de *A Tragédia da Rua das Flôres*. Teria alguma ligação com o romance *História dum lindo corpo*, que Batalha Reis, na sua Introdução às *Prosas Bárbaras*, afirma estar muito adiantado em 1870, havendo-o o autor lido, então, em esbôço a êle e a Antero de Quental — "tão extenso que levou várias noites a ler", e que "era a sua primeira tentativa de romance realista"?

Mas Eça prossegue:

"Você leu o primeiro capítulo da *Capital*? Que lhe parece? A mim parece-me mau: e o resto do livro, Você, verá, pior: é frio, é triste, é artificial; é um mosaico laborioso; pode-se gabar a correcção, mas lamenta-se a ausência de vida: os personagens são todos *empalhados*, e tenho-lhes tanto ódio, que, se êles tivessem algum sangue nas veias, bebia-lho. Sou uma bêsta: *sinto* o que devo fazer, mas não o *sei* fazer."

Via-se bem que *A Capital* estava irremediàvelmente condenada: Eça perderá um tempo precioso em recópias, alterações e emendas, sem que consiga animá-la de verdadeira vida. Será como um fantasma de mocidade, que nunca poderá afastar, de vez, do seu pensamento.

Quando, 25 anos depois da sua morte, seu filho José Maria a dá à publicidade, tem 573 páginas, havendo sido inutilizadas muitas outras.

Termina:

"Talvez a segunda edição do *Padre Amaro*, lhe agrade, todavia: é mais humana, é mais quente."

No balanço do trabalho realizado por Eça em 1878, temos: parte da revisão do *Crime*; *idem* d'*A Capital!*; esbôço d'*A Batalha do Caia*. E talvez revisão dos *Amores dum Lindo Moço*, além das *Cartas de Londres*, que para *A Actualidade*, do Porto, escreveu até ao meado do ano.

O projecto de colaboração na *Gazeta de Notícias* fracassou. Porquê? Ignorâmo-lo.

Reconhecera o próprio Eça a impossibilidade de publicar *Os Amores dum Lindo Moço*, e escrever, além disso, uma crónica quinzenal, quando Chardron não o largava para completar *A Capital*, cuja impressão parara na página 80, e para completar a 2.ª edição d'*O Crime*?

Mas é certo que não cessava de se meter em novos trabalhos: vejam-se as Cartas a Chardron em Junho e Julho de 1879, sôbre *O Conde de Abranhos*, que não pôde também levar por diante.

E da carta a Ramalho de 10 de Julho de 1879, em que alude ao rascunho dêsse novo romance, vê-se que não abandona a ideia das *Crónicas*:

"Meu pai escreveu-me há dias, falando-me do desejo que tinha Gonçalves Crespo (é um rapaz que faz versos muito engenhosamente trabalhados, não é verdade?) em me convidar para mandar correspondências ao *Jornal do Comércio*. Isto vem exactamente combinar com o meu próprio desejo; eu necessito fazer correspondências, por higiene intelectual. Tenho-me posto no mau hábito de ler tôdas as manhãs montões de jornais: e esta grossa massa de política cai-me no cérebro, não é digerida, e, pela sua presença, impede o jôgo regular das faculdades artísticas. Às vezes, a trabalhar, sinto subitamente que uma ideia não se pode abrir caminho; observo-me: e reconheço que é o fim (?) dum pesado argumento sôbre a utilidade das Leis Ferry que obstrue a passagem. Preciso purgar a inteligência destas fezes. Quero um vaso. O *Jornal do Comércio* parece-me poder preencher esta função útil.

"Veja Você, pois, se é possível que se me obtenha um vaso. Deve entender, porém, que eu não quero evacuar *gratis*; e é esta outra feição da questão, que é importante considerar: como porém é, sôbre tudo, por um fim de higiene, que eu desejo *corresponder* — o facto da remuneração não é essencial: contento-me com uma quantia que ressalve suficientemente a *dignidade* das letras. Trate-me pois, disso, e responda."

Foi então que as coisas se encaminharam, definitivamente para que na *Gazeta de Notícias*, onde Ramalho publicava as suas *Cartas Portuguesas*, se começassem a publicar também as *Cartas de Inglaterra* de Eça de Queiroz.

Em princípios de 1880 sái a 2.ª edição d'*O Crime do Padre Amaro*: grande parte do ano de 1878 e todo o ano de 1879 levara o escritor na revisão do famoso romance, tornando-o verdadeiramente uma obra nova.

Eça de Queiroz veio então a Portugal gosar umas boas férias: foi nessa ocasião que, a pedido de Lourenço Malheiro, prometeu dar, em folhetins, num jornal de Lisboa, um romance seu — *Os Maias*.

Lourenço Malheiro, engenheiro de minas, natural de Ponte do Lima (onde nascera em 1844), íntimo amigo do grande escritor, fundara em 1877 o *Diário de Portugal*: a sua vida, que não foi longa (veio a falecer em 1890), é cheia de ardorosa labuta na metrópole e Angola, e na Espanha, principalmente.

Eça prometera, mas as coisas não sucederam como se haviam previsto.

Para acalmar os leitores, que reclamavam o romance que não vinha, o *Diário de Portugal* publicou *O Mandarim*, que em fins de Junho de 1880, em Angers, no regresso de Eça a Inglaterra, surgira como uma maravilhosa flôr de imaginação, que não tem par, na sua obra, nem mesmo na nossa literatura...

Quanto aos *Maias* — ouçamos o seu auctor, na carta a Ramalho, datada de Bristol, a 20 de Fevereiro de 1881:

"Quando eu estive em Lisboa, o Malheiro pediu-me que escrevesse para o *Diário* um romance: apelou urgentemente para a nossa velha amizade, e deu-me razões determinantes. Para o satisfazer, interrompi a *Capital*, estragando-a para sempre, creio eu, porque vejo agora que não poderei recuperar o fio de veia e de sentimento em que ela ia tratada, e faltando aos meus compromissos com o Chardron. O contracto com o Malheiro era eu dar-lhe uma novela de vinte cinco a trinta folhetins, com a remuneração de trinta libras, preço de amizade. Apenas o trabalho ia em meio, reconheci que tinha diante de mim um assunto rico em caracteres e incidentes, e que necessitava um desenvolvimento mais largo de *romance*. Comuniquei isso ao Malheiro, que se alegrou e, para fazer pacientar os leitores do jornal, presentei o *Diário* com uma novela — *O Mandarim* (gratis!)

"Mal vira, porém, que eu ia fazer um romance, tratei de lhe assegurar uma existência mais longa que as fôlhas volantes dum jornal: ocupei-me da sua aparição em livro. O Chardron aceitava as minhas propostas (se bem me lembro, uns quatrocentos mil reis em dinheiro e mais uns livros, etc), mas com a razoavel condição de que o romance (a êsse tempo já com o título decidido — *Os Maias*) seria primeiro impresso e remetido para o Brasil, e depois publicado em Lisboa, no folhetim do *Diário*. Isto era justo para evitar a contrafacção, sôbre os folhetins remetidos daí para o Rio. O Malheiro, porém, recusou esta combinação; isto é, êle não tinha direito a recusá-la; suplicou-me que a não efectuasse, com receio que o Chardron, apenas publicado o romance, o puzesse traiçoeiramente à venda em Portugal. O receio era pueril, mas eu cedi ao Malheiro — perdendo, desde logo, as excelentes ofertas do Chardron!

"Propuz então ao Malheiro que editássemos nós ambos o livro. Ele recusou-se também, e com muito critério, porque, sem experiencia nem relações, corriamos a um prejuizo certo.

"Durante tôdas essas negociações o manuscrito inicial dos *Maias* ia-se completando. Instei, pois, com o Malheiro, para que me deixasse resolver de qualquer modo a questão da edição em volume. Depois de longos silêncios, a renovadas instâncias minhas — o Malheiro aparece-me comuma brilhante proposta: uma firma editora de Lisboa oferecia-se a publicar o livro, dividindo ao meio os produtos comigo. E os detalhes da proposta eram ainda mais belos: a edição seria rica, seis mil exemplares para começar, etc., etc., Imagine Você, querido Ramalho, a minha alegria: escrevi ao Malheiro uma carta de reconhecimento comovido: e, como via nesta proposta uma pequena fortuna (o Malheiro afiançava-mo) decidi logo fazer, não só um *romance*, mas um romance em que eu puzesse tudo o que tenho no saco. A ocasião, confesse, era sublime para jogar uma enorme cartada. Havia na *proposta* uma coisa vaga: era que eu não devia comunicar com a firma — mas manuscritos, provas, notas ao revisor, etc., tudo deveria ir pelas mãos do Malheiro ou do sr. Tomás Sequeira. De facto, na proposta o meu nome não aparecia: o contracto era feito entre o Malheiro e o Editor; o Malheiro é que devia receber os proventos e passar-mos a mim; enfim, era como se fôsse o Malheiro que escrevesse o livro. Isto era vago e confuso — mas, desde que o Malheiro estava no negócio, era como se estivesse eu mesmo: eu tenho tanta confiança nêle como em mim; o que me incomodava era não poder comunicar directamente com os Revisores.

"Mas, enfim, trabalhava com grande esperança, dia e noite, e *Os Maias* estava um robusto e nédio livro em dois volumes, um verdadeiro *éclat* para o burguês. Uma das condições é que, apenas eu começasse a fazer a cópia, iria remetendo os capítulos um a um, e as provas me seriam *logo remetidas, sem demora*. Você sabe que isto é indispensável ao meu processo de trabalho. E o sr. Tomás Sequeira escreveu-me, dizendo que tudo estava pronto, à espera do original e a imprensa impaciente!

"Remeti os dois primeiros capítulos, enormes, setenta páginas de impressão. E esperei impacientemente as provas. Passaram quinze dias, um mês, dois mêses, três mêses. Nada! Comecei a inquietar-me, e (idiota!) remeti o terceiro capítulo, outras trinta páginas de impressão. Recomecei a esperar; passaram-se quinze dias, um mês, mês e meio. Nada! Nem provas, nem carta. Nada. Escrevi, ansioso, ao Malheiro, suplicando que me dissesse onde estavam as provas, o que fôra feito do meu manuscrito. O Malheiro, a-pesar-de repetidas instâncias, não me respondeu. Aflito já, dirigi-me ao sr. Tomás Sequeira, numa carta humilde, patética, em que implorava uma linha num bilhete de visita. O sr. Sequeiro não se dignou responder-me. E aqui estou!

"Afianço-lhe, sob palavra de honra, que estas coisas monstruosas, são exactas".

Pedia Eça a intervenção de Ramalho Ortigão — que êste conseguisse arrancar àqueles cavalheiros qualquer resposta. E formulava várias perguntas, sendo a última: — "Onde está o meu manuscrito?"

Ansiosa, porque ajuntava:

"Esta última pregunta é importante, querido, porque, burro que sou, inutilisei o manuscrito inicial dêsses capítulos: só tenho a cópia que mandei".

E ainda:

"Para completar os *renseignements*, devo dizer-lhe: que o Malheiro já me pagou *Os Maias*; que o romance está pronto no manuscrito inicial; que há (para diante do terceiro) outros capítulos copiados, e quási prontos: que a suspensão de provas e a suspensão de *tudo*, fez que eu suspendesse ou abrandasse a actividade do trabalho"... "Pode Você imaginar, o espanto e a melancolia em que estou — vendo que por ter sacrificado a *Capital*, os interesses que me fazia o Chardron e quási um ano de trabalho incessante — recebo, em paga, desconsideração, desprezo, e a destruição de muitas esperanças. É duro.

"Enquanto aos *Maias* — suponho-o um razoavel trabalho, e isto aumenta a minha indignação..."

Este o introito do drama de paixão do romancista...

E quanto se prolongarão as estações dolorosas do Calvário! Eça vem a Lisboa em Março de 1881; procura deslindar o negócio: assenta-o em novas bases; Ramalho resgata os seus compromissos com Malheiro, e associa-se com êle nesta empreza de publicidade.

Poderiam acabar assim as torturas do pobre Eça? Ouça-se o supliciado. Diz assim a sua carta a Ramalho, datada de Angers, Hotel du Cheval Blanc, a 18 de Maio de 1882:

Eça de Queiroz — retrato por Columbano

"Você lembra-se que ha catorze meses justos, em Março do ano passado, fômos á Tipografia Lallemant para combinar a impressão dos *Maias*. Lembra-se tambem que, a êsse tempo, existiam já na Tipografia, depositados lá pelo Malheiro, os três primeiros capítulos do Romance, de que se tinham feito umas provas infames? Pois bem! Esses três primeiros capítulos, mais o quarto, mais o começo do quinto é tudo, absolutamente tudo, que até agora, depois de catorze meses, êsse canalha do Lallemant tem imprimido!

"Depois de anunciar êste simples facto, tão cruelmente eloqüente, tudo mais que eu pudesse acrescentar seriam festões e ornatos. Pois eu não lhe falo do que tenho suportado a essa corja: as fastidiosas demoras de provas, as páginas de original saltadas em claro na composição, o grosseiro desdem por todas as minhas reclamações, o bestial propósito de nunca responderem ás minhas cartas, os desleixos de trabalho que deixam as folhas impressas maculadas de êrros, etc., etc., etc....

"Tudo isso, repito, é nada perante o facto grosso: em catorze mezes, quatro capítulos impressos e o começo de outro! E note-se, querido Ramalho, que isto foi quási tudo feito num fugitivo momento de actividade, aí por Setembro, depois de eu lhes ter chamado numa carta, de *ladrões*"... "Por outro lado, para não sobrecarregar a tipografia, eu, que trabalho principalmente sôbre as provas, tenho-me abstido heroicamente de emendar á larga. (Devo fazer uma excepção para as últimas provas que remeti, realmente bastante alteradas). Mas levei o sacrifício mais longe: dispensei as segundas provas! Não recebo segundas provas, mas logo provas de página, fixas, que não permitem alteração. Tudo isso para quê? Para ter, no fim de catorze meses, quatro capítulos impressos!"

A cólera, a verdadeira cólera, tão pouco do seu agrado, sacode-o:

"Meu querido Ramalho: eu creio que em catorze meses essa canalha tem provado, superabundantemente, a sua incompetência, ou a sua desorganisação, ou a sua má-fé".

E, reflectindo em tantas desgraças juntas:

"O livro deveria estar quási todo impresso. Devia estar mesmo na rua. Temos

perdido uma oportunidade esplêndida — a falta de novidade no mercado„.

E, voltando á carga:

"Para mim, esta absurda luta com uma tipografia, estas provas que é preciso arrancar á força de cartas e de telegramas, esta tediosa suspensão de semanas, entre cada página, tem tido um efeito desastroso: como artista, tem-me enervado, tem-me desmoralisado. Estou terminando o romance, sem paixão, quási sem gôsto, e portanto sem veia„.

A gente admira-se que a Eça não ocorresse como resultante duma acção extranha aos desleixos de tipografia esta demora toda: não haveria aqui intervenção de alguém que quizesse impedir a publicação? Não se teria já, desde a estada de Eça em Lisboa na primavera de 1880, falado tanto do romance que certos figurões da política, do jornalismo ou do *haut-monde* se sentissem visados na ficção artística? E o Poder mesmo, que impedira a publicação d'*A Batalha do Caia* e d'*O Conde de Abranhos*, não teria feito alguma coisa para embaraçar, para descoroçoar o escritor?

O que é certo é que nenhuma outra obra portuguesa consta ter tido percalços semelhantes...

Felizmente, Eça não era dado á mania da perseguição. E, assim pensa:

"Não vejo a tudo isto, senão um remédio: ir Você á tipografia reclamar o meu original, reclamar as fôlhas impressas, pagá-las, e levar tudo a outra tipografia mais apta e mais honesta, para se continuar lá a publicação. Isto é a única cousa razoável. Qualquer tipografia pode obter papel igual, tipo igual, feitio igual ao das folhas já impressas: e qualquer tipografia terá de certo mais decência e melhor fé„.

Pela carta de 3 de Junho — ainda de Angers, — vê-se que Ramalho falou ao dono da tipografia, Lalemant, que obteve uma explicação, que as culpas recairam sôbre um tal Silva, que devia ser o chefe da oficina — "o abjecto Silva„, diz Eça — e que nova esperança renascera.

Entretanto Eça anuncia: "*Os Maias* estão nestas alturas: primeiro volume com excepção dum capítulo, creio, em poder do Lallemant: segundo volume, na forja„.

Mas julga, como de costume, a sua obra com receio:

«Eu não estou contente com o romance: é vago, difuso, fora dos gonzos da realidade, sêco, e, estando para a bela obra de arte, como o gêsso está para o mármore. Não importa. Tem aqui e além uma página viva — e é uma espécie de exercício, de prática, para eu, depois, fazer melhor„.

E ajunta:

"O que não vai bem, todavia, é a saúde. A nevrose está comigo, creio eu„.... "O que me incomoda mais é uma falta de alegria, de espaço e de ar diante de mim, e aquela atmosfera de esperança e desejo que azula o futuro; vejo tudo pardo: má condição para trabalhar... Enfim a vontade é um grande instrumento, e possa Deus conservar-mo forte e firme na mão„.

Infeliz Eça! Não estão acabadas as suas consumições...

Cá está êle em nova carta de Bristol, a 19 de Julho de 1882:

"Há já certamente dous meses que eu recebi uma carta sua, sôbre *Os Maias*, contendo as últimas promessas do Lallemant — *actividade incessante! dous tipógrafos especiais para êste serviço! Provas, sucedendo-se sem interrupção!*...

"Escuso de lhe dizer que, desde essa carta sua, não tive, ainda nestes dous meses, *notícias da tipografia!* Isto é, tive; e pior que se não tivesse: nestes dous meses mandaram-me uns velhos graneis de provas, que eu *já em Janeiro tinha laboriosamente revisto e emendado*, e êles remeteram-me êsses graneis intactos, sem as emendas feitas, no seu primitivo estado!! Eu devolvi-os, com duas ou três palavras de explicação — explicação polida, dizendo que êsses mesmos graneis deviam existir na tipografia já emendados por mim — e, desde então, (isto passou-se há um mês) não tornei a ter notícias do Lallemant„.

Não parece tratar-se dum pesadêlo? Não há aqui um capítulo de martirológio, para cingir de esplendores a cabeça de S. Eça?

Pois profunde-se o caso — único nos anais da Literatura em relação com as Artes de Gutenberg:

"Eu, meu querido Ramalho, não sei já o que lhe hei de dizer; repetir-lhe que uma tão infame delonga (dous anos quási, dous anos no próximo Outubro! para compôr quatro capítulos!) me causa um grave prejuizo, que me é impossível estar fazendo uma obra de arte e estar lutando com um impressor velhaco — dizer-lhe tudo o mais que eu lhe poderia dizer, (e calo-o para não fazer uma ladaínha de justas queixas) seria inútil porque você o sabe, e o sente. Portanto não lhe digo nada„.

Dir-se-ia que o fôlego lhe faltava! Mas volta:

"Digo-lhe só isto: o Lallemant deu-lhe a Você a palavra de honra há dous meses, que tudo *ia entrar em ordem;* Você, na sua carta, assegurou-me, em seu nome, que tudo ia *entrar em ordem*. A *ordem* consistia em que a tipografia ia, emfim, *imprimir original:* dous meses passaram; a tipografia não imprimiu uma só linha!...„

Ramalho responde. As coisas não melhoraram. Eis o comentário de Eça, a 12 de agosto:

"Agradeço-lhe o ter ido de novo afrontar o cinismo do Lallemant e o sub-cinismo do inferior Silva. Mas, pelo tom de resignação, e mesmo de melancolia, da sua carta, vejo que não há nada a esperar. Isto é, há a esperar isto: que, se Deus nos der a tôdos vida e saude, cada dous meses eu lhe escreverei uma página de queixumes, Você irá á rua do Tesouro Velho, o Lallemant chamará o abjecto Silva, trata-lo-á como o último dos últimos, e far-se-me-á de novo a promessa solene que *daí por diante dous tipógrafos serão exclusivamente empregados, etc., etc.* É o que sucedeu há dous meses, é o que sucedeu agora — porque a sua carta é, nem podia deixar de ser, a repetição da última que recebi, descrevendo uma cêna igual — "o Silva interpelado de olhos no chão„ etc.„

E, respondendo a certas considerações de Ramalho:

"Enfim não falemos mais nisto: seria grotesco estar a discutir detalhes, quando temos êste resumo decisivo: — em 18 meses, quatro capítulos de 30 páginas cada um!!„

Mas, tomando paciência ainda:

"Eu tinha já recebido uma epístola do desgraçado Silva, em que essa enxovalhada flôr de patifaria me confessa que "o livro vai atrazado„, e, portanto faz uma promessa, a sagrada promessa, que daqui por diante "dous tipógrafos serão, etc., etc.„. Dá-me também a respeito das provas, cuja falta acusei, uma explicação ingénua, que se resume em que as "extraviaram na tipografia„! Eu remeto sempre as provas seguras e registadas, duplamente, como se fôssem títulos de dívida dum milhão. Não há, pois, maneira de se extraviarem. Essas, a que aludo, fôram igualmente colocadas sob essa especialíssima protecção da posta inglesa — mas não escaparam á confusão da oficina Lallemant. A carta do Silva vinha acompanhada — como prova de novo zelo — dumas provas de composição. O zelo fôra tão excessivo que as provas vinham ininteligiveis — sendo o seu menor defeito que tinham saltado em claro umas cinco tiras de original! Assim, aqui está a situação: quando remeto original, não o imprimem; quando, por acaso, o imprimem, perdem as provas; e, quando, por um duplo e extranho caso, imprimem e não perdem — as provas que me mandam são uma tal mixórdia, que, como recentemente, sou forçado a devolvê-las. Situação satisfatória, não é verdade?

"Enfim, como não há nada a fazer, segundo se depreende da sua carta, instalêmo-nos o mais confortavelmente possível numa suave resignação„.

Eça estava exausto! E nós também cansados — só de lê-lo...

Não o podemos dizer como ponto averiguado — mas quem sabe se, desta vez, é que Eça teria razão para pedir indemnisação no Ministério, e senão ao ministério dos Estrangeiros, ao do Reino... Onde se sumiam as provas? Quem conheça a história dos gabinetes secretos de censura, não deixará de supôr...

De contrário terá de imaginar-se que a tipografia Lallemant era uma sucursal de Rilhafoles!

Anunciára-se o romance como uma série de escândalos — escândalos da imprensa venal, escândalos de torpe e grotesca política, escândalos de adultérios da Alta Sociedade — que admirar que influências se movessem para abortar a terrível *machine* d'*Os Maias?*

Há outra hipótese: a de que os editores de Portugal quizessem desanimar, para sempre, os nossos grandes escritores que tentassem libertar-se da sua dependência, editando por conta própria...

Mas o que não pode é aceitar-se esta tragédia d'*Os Maias* como uma coisa trivial e sem especial significado.

E vai passar-se ainda mais um ano!

Ao cabo, Eça regressa, como o filho pródigo, á Casa... Chardron.

LOPES D'OLIVEIRA.

A FEBRE ARTIFICIAL

Há quási vinte anos, quando o sábio Wagner-Jauregg, agraciado com o Prémio Nobel, começava a usar bacterias de malária para o tratamento da encefalomalacia, supôs-se haver chegado uma nova época para a medicina. Na realidade, tratava-se apenas da realização de um pensamento apresentado em época muito remota.

Devemos ter presente que o médico grego Parmenides declarou quinhentos anos antes de Cristo:

«Eu poderia curar tôdas as doenças se os deuses me dessem fôrça para produzir febre».

Ainda que não tôdas algumas enfermidades têm sido debeladas há séculos, mediante a elevação de temperatura produzida artificialmente por meios simples como banhos e resguardos.

Produzir a «febre artificial verdadeira», ante uma infecção com bacterias de malária e assim combater diversas enfermidades infecciosas como a paralisia geral e outras, foi a grande ideia de Wagner-Jauregg, e disto se desenvolveu, entretanto, um novo ramo da medicina.

No transcurso dêste tempo chegou-se a produzir febre artificial, por diferentes meios, como por exemplo, injecções de bacilos virulentos de tifo, preparações albuminas, ou extractos químicos.

No ano passado, realizaram-se dois congressos de médicos, um em Nova York e o outro em Berlim, em que se tratou quási totalmente da «terapia da febre».

Era a expulsão do diabo por Belzebuth... Assim a infecção planeada com uma enfermidade grave de infecção como a malária, para desentranhar outra enfermidade, representa uma cura muito violenta que sob várias circunstâncias, pode fazer perigar a vida do paciente.

— Sucede que o emprêgo do bacilo da malária empregado, dá uma média de 8 a 14 por cento de mortes. Com algumas doenças podem surgir hemorragias provocadas por estas curas violentas. E' bom notar que em doentes de mais de 50 anos é muito perigoso seguir o curso da doença artificial.

A produção da «verdadeira febre artificial» por outros meios é ainda de menor segurança. A reacção provocada por meio de injecções de preparação albuminada pode trazer também desagradáveis conseqüências, porque age diferentemente sôbre os doentes.

Vacinas ou remédios químicos originam freqüentemente apenas aumentos de temperatura de curto tempo, e, por vezes, nada. Em conseqüência de todos estes perigos na produção da febre por bacterias e meios químicos, voltaram os médicos alemães e americanos ao processo antigo de aumentar a febre do corpo por meio de ar quente e banhos quentes.

As experiências feitas em coelhos atacados de infecção deram bons resultados, obtendo-se dêste modo um aumento de temperatura de 42 até 44 graus. Chegou-se a obter bons resultados por meio de banhos quentes em várias doenças como infecções, paralisia, ciática e reumatismo-articular crónico. Seguiram-se nos últimos anos experiências dos americanos a-fim-de produzir altas temperaturas corporais por meio de diatermia que aquece o corpo, de fora para dentro, provoca queimaduras na pele, e no armário quente delirium e outros sintomas alarmantes.

Como meio moderníssimo e mais seguro para produzir febre artificial entraram em acção há uns 7 anos as ondas eléctricas curtas de 6 a 20 metros de longitude, primeiramente na América, depois em França, mais tarde na Alemanha — as mesmas ondas curtas e ondas ultra-curtas, que na rádio e televisão desempenham tão importante papel.

Há vinte anos foi descoberta casualmente a influência das ondas curtas sôbre o corpo humano. Os mecânicos que trabalhavam perto dos tubos emissores da poderosa estação de ondas curtas W G Y em Schenectady queixaram-se, em dado momento, de dôres de cabeça, e de febre, embora ligeiras. Já nessa altura, êste fenómeno era aproveitado para vários *trucs*, como por exemplo, cozer ovos. Por uma coincidência característica, os médicos europeus fizeram quási ao mesmo tempo os primeiros ensaios com a febre malária artificial.

Como falamos em cozer ovos no campo das ondas curtas, devemos salientar que, há tempos, foi substituída a chocadeira pela onda curta e chocar ovos por meio de ondas de rádio, dentro de 21 dias, isto é, com a mesma prontidão como na chocadeira ou no ninho da galinha.

Com a ajuda da onda curta pode-se elevar a temperatura do corpo dentro de certo tempo a uma altura determinada e mantê-la a esta altura por qualquer tempo. A grande vantagem da onda curta é o seu efeito penetrante sôbre a capa do tecido e no interior do corpo sem sobrecarregar a pele o que nem a diatermia é capaz de conseguir nem por meio de agasalhos ou banhos.

Assim, sem incómodos consideráveis para o paciente, êste pode conseguir uma obra de febre de onda curta sem calafrios ou sintomas secundários por venenos artificiais levados ao corpo.

A reacção do corpo perante a febre-onda curta e o efeito sôbre a enfermidade a tratar são os mesmos: os glóbulos vermelhos aumentam, e também os brancos — o que significa o refôrço das defesas corporais. A circulação do sangue e a digestão aceleram-se, enquanto que a pressão pouco oscila; uma febre por onda curta repetida durante algumas horas fomenta a destruïção dos gérmenes da enfermidade.

Ora o lugar de quási tôdas as doenças, não é na camada gordurosa, mas sim nos músculos, nos órgãos e, como em muitas enfermidades infecciosas, no sangue... Acresce ainda haver o perigo de, em virtude da acumulação de calor na parte exterior do corpo, se queimar a pele a pacientes que tenham forte transpiração.

Não levemos o nosso optimismo a julgar que tôdas as doenças podem ser curadas pela febre-onda-curta. Os Congressos de Nova-York e Berlim mostraram uma série de casos que sem dúvida alguma não podem ser curadas por êste processo. Porém muitos enfermos sem esperança de cura, encontraram-na ou pelo menos aliviaram os seus padecimentos com o tratamento desta nova classe de ondas, que até agora se conheciam só pelas transmissões do rádio e da televisão.

E com segurança se pode dizer que o aproveitamento prático da onda curta só começou a fazer-se com as aplicações que se lhe estão a dar no ramo de medicina.

André Lion.

Produção de febre artificial por onda curta

O DOCE ENCANTO DOS PRESÉPIOS

A propósito da "Exposição dos Barristas Portugueses"

Uma das mais expressivas figuras do Presépio da Sé

A história dos presépios portugueses é conhecida, desde a sua origem e o seu desenvolvimento em oficinas do sul, celas de convento, olarias populares e passatempos de amadores, até aos apuros dos santeiros do norte e ao pitoresco dos bonequeiros da aldeia. Nascidos na Provença — onde tão excelentes e cultas coisas de espírito se inventaram —, passaram-se a Itália e ao Tirol, e depois à Catalunha e sul de Espanha, penetrando em Portugal no século XVII, logo a seguir ao período felipino. Não cito a poética e cristã tradição de terem sido iniciados pelo Pobrezinho de Assis, por ser demasiado apregoada tão saborosa história. E' lógica, portanto, a versão de tal costume ter vindo dos nossos vizinhos, com a maneira lenta de festejar a «Natividade», diante de *belenes* humildes, como é justa a afirmação dêstes terem sido ensinados plàsticamente aos nossos coroplastas, pelos artistas italianos aqui arribados e mais tarde chamados para o levantamento de grandes obras. E' que na verdade os barristas portugueses só no século XVIII serviram com fé e gôsto a sua inspiração, compondo grandes presépios como os de Nápoles, onde a cena maravilhosa do nascimento de Jesus, num estábulo pobre internado em ricas colunatas ou ruínas de palácio, revestido interiormente de nuvens recheadas de serafins e uma majestosa Glória de anjos entoando canções ao som dos mais variados instrumentos celestiais, contrastam no seu lirismo e na sua expressão divina, com as mil peripécias realistas e anedóticas dos pastores, dos namorados e dos festeiros, cada qual formando rancho àparte, correndo a adorar o milagroso acto ou deslumbrando-se com o sinal da salvação do Mundo. E são então de encanto a combinação dos grupos e da cenografia geral, a técnica minuciosa e sábia de cada imagem, a arquitectura das montanhas em cortiça ou torrões até chegar ao ceu em que se destacam mais querubins e estrêlas, tudo recortado em pormenorisados acidentes onde se alcandoram castelos ou moinhos, se agacham fontes ou esconderijos de fidalgos, se cultivam engraçados factos da vida simples, merendas, matanças de cevados, bailaricos, namoros e festins de músicos, predominado em todos os presépios característicos figuras sempre repetidas, como os tocadores da safona e da gaita de foles, a velha dos ovos e dos perus, o caçador, o garoto que trepa às pedras, o moleiro, o homem dos queijos e o pastor que vem depôr no chão a ovelha da oferenda, raramente esquecendo a mulher do povo ajoelhada no primeiro plano e o anjo anunciador ao lado da mulinha e do boi da mangedoira, que carinhosamente se aproximam do berço divino, ladeado pela Virgem de mãos no peito e S. José deslumbrado e terno.

Aspecto do Presépio da Estrêla

Muitos foram os presépistas portugueses no século XVIII. Pelo menos, tantos como os estatuários, visto serem os mesmos, educados nas escolas de Mafra e de Lisboa, que tão depressa desbastavam um bloco de mármore, como talhavam a madeira ou modelavam a cêra e o barro, com amor igual a cada obra, no mesmo espírito e apurando-se na mestria duma técnica elegante, estilizada, definida e preciosa de arrebatamentos. E tão integrados no sentido do século se deliciavam em criar uma grande obra de harmonia, tão juntos trabalhavam e compunham as suas imagens, tanto procuravam irmanizar-se nas especializações que os seus temperamentos escolheram para o perfeito conjunto da obra traçada pelos mestres, que chegavam a confundir-se nas maneiras e nos jeitos de arte, sendo hoje deveras difícil identificar a obra de cada um, não assinada, conhecendo-se apenas o nome dos chefes de oficina e os dos seus principais colaboradores, os quais, de emprêsa para emprêsa, se mudavam, ajudando a obra total do século, hoje nas estátuas dum palácio, amanhã nas imagens dum templo e depois nas minúsculas figuritas duma maquineta ou dos agrupamentos dum presépio.

Assim, sabe-se que António Ferreira — o Ferreirinha de Chelas —, Machado de Castro, Joaquim José de Barros Leborão e outros mais foram autores de riscos e principais modeladores de presépios, com um típico modo de exprimir sentimentos e uma particular feição de lançar e golpear panejamentos, assim como de engenhar fantasiosas composições de anjos e agrupamentos fechados de personagens reais, mas no conjunto de cada presépio, em que figuras há, repetidas e tão irmãs que parecem moldadas por uma só mão, combinadas numa exacta estrutura e até copiadas pelo mesmo modêlo, difícil e bem difícil se torna jurar a quem pertencem, raros sendo os artistas e os críticos que conscienciosamente tenham estudo o assunto, para dizerem ao certo que êste pastor foi modelado pelo Ferreira, aquele grupo combinado pelo Leborão, e aquela Glória foi idealizada pelo Machado, a quem lendàriamente se atribuem sem justiça nem documentação, quási todos os presépios do sul. E que naqueles tempos o trabalho esteve tão bem organizado para resultar formosos os blocos, que artistas houve especializados em determinadas figuras, chamados de oficina para oficina, consoante os dons que os distinguiam e lhes deram famas, êste modelando o grupo da Virgem, do Menino e de S. José, aquele os cortejos dos Magos, aqueloutro os magotes de populares, e até uns para tornear os corpos roliços dos serafins alados, outros para talhar arquitecturas e só os aprendizes para revestir de torrões as montanhas, quedando aos mestres camaradas e ajudantes, o segrêdo de situar, embelezar e dar unidade à obra maior. Houve escultores, como João José Braga, especialista em gracilizar os corpos franzinos de criança; o clérigo João Crisóstomo Policarpo da Silva, ganhador de primeiros prémios «nas academias de nú;» João de Almeida, desbastador de ornatos; Manuel Dias, a-quêm chamavam o «Pai dos Cristos», pois com tanta perícia talhara as anatomias do Crucificado; Nicolau Vilela, compositor espontâneo de todos os motivos de que era incumbido pelos colegas, não deixando obra sua ou como tal considerada, até que na mais negra miséria lhe findasse a amargurada existência, o que não é para admirar muito desde que se saiba de Machado de Castro haver num escrito, chamando aos seus discípulos e colaboradores, «esfomeados Ajudantes». Além dêstes, muitos outros imaginários andavam na faina enternecedora de adornar altares de igreja, oratórios de casas fidalgas, celas de convento e festas de príncipes, com maquinetas guarnecidas de linda talha doirada, quadros em relêvo, sob vidros, para suspender nas paredes, presépios grandes como o da Madre de Deus, da Estrêla, do Sacramento, da Sé, do Desagravo e outros há muito destruídos sem deixar memórias de origem.

Um pastor do Presépio da Estrêla

No pequeno presépio do mosteiro de S. Vicente, pertencente hoje ao Museu das Janelas Verdes e agora exposto na «Exposição dos Barristas Portugueses», organizada pela Academia Nacional de Belas-Artes, e a propósito da qual se escrevem estas linhas, existe uma nítida lição de quanto se afirma até aqui. Ignora-se quem o delineou; e no entanto estão ali representadas em pequeninas figuras, a alma e as mãos daqueles que executaram outras figuras maiores do presépio do Desagravo, da Madre de Deus, da Estrêla e até do Sacramento.

Pormenor do Presépio da Sé

Poderá alguém afirmar ser esta peça dum ou doutro escultor de nomeada? Não, não! Os presépios lisboetas, por enquanto e por falta de documentações escritas, são de todos os barristas do século XVIII, como o altar com a «Morte de S. Bernardo», de Alcobaça e o baixo-relêvo com a «Deposição», na Misericórdia da Vidigueira. O presépio das Necessidades, ali exposto também, foi modelado em parte, pelo autor da preciosa cavalgada dos Reis Magos, que se vê fechada, na mesma exposição, dentro duma vitrina, e atribuída a António Ferreira. No entanto... tôda a gente o diz de Machado de Castro, como a maioria dêles, inclusivé o da família dos Marqueses de Borba, que se presume ser do Pai Assis. Ao certo só se sabe, por papéis, terem sido encomendados a Machado de Castro, o da Estrêla e o que pertenceu aos Marqueses de Belas, hoje no Museu das Janelas Verdes. E sôbre o da Sé também não há dúvidas, porque por êle está assinado, embora parte das figurações sejam muito posteriores. Mas também se conhecem alguns nomes de quem com o Mestre colaborou nessas obras. Logo, repito, as identificações são arriscadas. Pela província além o caso é idêntico. Uma ou outra peça tem a marca do autor, mas são poucas.

Visita do conjunto do Presépio da Sé

Em Aveiro aparece o nome de José Dias; em Lamego, Manuel Machado; em Evora, Francisco Xavier e os Abreus; em Santarém, o trino Manuel da Teixeira; no Pôrto, Sousa Alão; em Coimbra, Domingos Brandão, etc., etc.

Desde a formosa imagem da «Virgem com o Menino», dos começos do século XVI, a escultura em barro mais antiga que conhecemos, patente na mesma exposição de agora, até aos bonecos de Estremoz e do Minho, existe um profundo mistério, que porventura maiores encantos dá à escultura portuguesa.

DIOGO DE MACEDO.

O Papa Pio XI

A DIPLOMAC PAPA PIO XI

O QUIRINAL A SANTA SÉ

COMO SE SOLUCIONOU ELHA QUESTÃO ROMANA

A imprensa alemã continúa a queixar-se do Vaticano, afirmando que o Papa tenta por todos os meios dificultar a acção do eixo Roma-Berlim.

Isto vem recordar o famoso Tratado de Latrão que veio solucionar a famosa Questão Romana que há tantos anos se arrastava, ante a mágoa de todo o mundo católico.

Mas estariam feitas as pazes entre o Quirinal e o Vaticano?

Devemos ter em conta que o Papa despojado do poder temporal, não poderia curvar-se a uma abdicação.

E como surgiu o poder temporal?

Ao que parece, começou a formar-se com as doações feitas pelo imperador Constantino ao clero romano no dia seguinte ao da sua conversão, pelo Edito de Milão (ano 313) e pelo feudo outorgado por Pepino o «Breve» ao Papa Estevão II em 752, aumentado, mais tarde, por Carlos Magno, em favor de Adriano I.

Depois, os Estados Pontifícios passaram por grandes vicissitudes: foram muitas vezes invadidos, reduzidos ou aumentados ao sabor da política. A sua existência legítima chegou a ser contestada com violência pelos imperadores alemães da Idade Média, e pelos gibelinos da Itália, entre os quais figurava o próprio Dante. Apesar de tudo, a soberania papal manteve-se através de tôdas as tempestades, até à Revolução Francesa.

Em 15 de Junho de 1798, o general Berthier proclamou do alto do Capitólio a República Romana. Neste dia começou para os Estados da Igreja a sua existência aventurosa. Reconstituidos em 1801, sob o protectorado de Napoleão, desaparecem de novo em 1809; restaurados em 1814, no Congresso de Viena, são agitados pela Revolução de 1848, e prolongados durante vinte anos, pela intervenção do exército francês.

O Acto final do Congresso de Viena, de 9 de Junho de 1815, no seu artigo 103.º, restabelecia o poder temporal do Papa. Em 1860 eram arrancados ao domínio temporal da Santa Sé dois terços do seu território. Em 20 de Setembro de 1870 fechou-se o ciclo das conquistas para a unidade italiana com a absorpção violenta do que restava dos antigos Estados Pontifícios.

Após a batalha de Sédan, em 20 de Setembro de 1870, as tropas italianas penetraram em Roma pela brecha da Porta Pia e deram fim, em aparência para sempre, a um regime milenário. Pio IX não cedeu à tentação da fuga que muitos lhe aconselharam. Como Papa romano ficou em Roma, e, encerrando-se no Vaticano, num solene protesto, declarou que não mais sairia enquanto não fôsse feita justiça à Igreja.

Senhor em absoluto de Roma, o Govêrno italiano promulgou a lei de 13 de Maio de 1871 sôbre as Prerrogativas do Soberano Pontífice. Essa lei, além de uma dotação de 3.225 mil liras anuais (artigo 4.º) dava ao Soberano Pontífice o uso dos palácios apostólicos do Vaticano e do Latrão, com todos os edifícios, jardins e terrenos anexos, assim como Castel-Gandolfo, com tôdas as suas dependências (artigo 5.º). A residência normal ou temporária do Papa era inviolável (artigo 7.º) como fora de tôda a acção policial estavam os arquivos pontifícios (artigo 8.º).

Ora no *Syllabus* há, como contrárias à doutrina da Igreja, estas proposições no § IX.

Prop. 75 — «Os filhos da Igreja cristã e católica discutem entre si sôbre a compatibilidade da realeza temporal com o poder espiritual».

Prop. 76 — «A anulação da soberania civil que a Santa Sé possui serviria mesmo muito a liberdade e a felicidade da Igreja».

Pio IX

Pio IX já por três vezes fôra solicitado a abdicar do poder temporal: a primeira vez em 18 de Setembro de 1861, quando Cavour propusera à França e ao Vaticano um projecto que era *mutatis mutandis*, o que nove anos depois havia de ser a Lei das Garantias: Pio IX recusara subscrever tal disposição; a segunda vez foi em 24 de Janeiro de 1868, quando lhe foi oferecida a plena soberania num Estado restrito — o Vaticano e a cidade Leonina, com 15 mil habitantes: Pio IX rejeitou; a terceira vez, em 29 de Agosto de 1870, com o projecto do conde de San Martino: Pio IX rejeitou.

Veio a Lei das Garantias: concedendo ao Pontífice alguns atributos ordinários dos soberanos, não lhes reconhece o carácter de soberano *sensu proprio* — como dizem os tratadistas.

Do soberano *territorial* e *pessoal*, o Papa passou a ser apenas um soberano *pessoal*.

Perante essa lei, Pio IX protestou, chamando-lhe «Lei de hipocrisia e iniqüidade». E a primeira vez que lhe apresentaram a dotação que o Govêrno italiano lhe destinara, rejeitou-a, dizendo que só poderia aceitá-la a título de restituïção.

A Igreja não aceitava a «Lei das Garantias»: 1.º, por ser puramente nacional, isto é, dependente das vontades móveis da maioria do Parlamento e, portanto, uma lei susceptível de ser modificada ou anulada; 2.º, por ser baseada sob a soberania do Estado de Itália que se considerava como proprietário do palácio do Vaticano; 3.º, por não assegurar ao Papa uma independência real e suficiente.

Leão XIII, logo em 28 de Maio de 1878 (fôra eleito Papa em 20 de Fevereiro e coroado em 3 de Março), na sua Encíclica *Incrustabili Dei consilio*, reclama «aquele estado de coisas, *eam rerum conditionem*» em que a Providência colocara outrora os Pontífices romanos. E renova e confirma as declarações e protestos de Pio IX, não só contra «a ocupação do poder temporal, *occupationem civilis Principatus*», mas contra a violação dos Direitos da Igreja.

E na Encíclica *Etsi nos* (15 de Fevereiro de 1882) volta a referir-se ao poder temporal de que está espoliado. E na carta ao cardial Rampolla, de 15 de Junho de 1787, o Pontífice expõe largamente a sua maneira de pensar: deseja a paz, «o fim dêste dissentimento».

«Mas não basta — diz Leão XIII — modificar ou derrogar leis hostis.»

Que deseja então?

«A condição indispensável da pacificação da Itália era a restituïção duma verdadeira soberania ao Pontífice romano.»

E, aludindo ao aparecimento daquilo a que chama o *Principado civil* dos Papas, escreve: «hoje ainda, nos desígnios da Providência, a soberania civil dos Papas é ordenada como meio para o exercício regular do seu poder apostólico, como sendo aquela que eficazmente lhe garante a liberdade e a independência». Reclama Roma: «aqui, de preferência, é necessário que êle seja colocado numa tal condição de independência» que não só a sua liberdade seja sem embaraços, mas todos vejam que é livre. Depois refere-se aos projectos dos homens políticos para se modificarem as coisas. «Vãs e inuteis tentativas» lhes chama. E ensina: «o único meio de que a Providência se serviu para defender como convinha a liberdade dos Papas foi a soberania temporal». Faz frente à objecção de que «para restabelecer a soberania pontifícia seria preciso renunciar a grandes vantagens já obtidas e desprezar progressos modernos e recuar à Idade Média». E pregunta: a que é que se opõe a soberania pontifícia? «Indubitavel é — responde — que as cidades e as regiões que estiveram submetidas ao Principado civil dos Pontífices foram, por isto mesmo, preservadas, mais de uma vez, de sujeição ao domínio estrangeiro».

Victor Manuel II

Mas como possam invocar a unidade do Estado italiano, Leão XIII diz que, ainda mesmo que essa unidade fôsse quebrada, é caso para se preguntar «se esta condição da unidade constitui para as nações um bem tão absoluto, que sem ela não haja nem prosperidade, nem grandeza, ou tão superior que deva prevalecer sôbre tudo».

Em 1889 (24 de Maio; 30 de Junho), em 1891 (14 de Dezembro); em 1895 (8 de Outubro), Leão XIII afirmou sempre a mesma doutrina.

O seu sucessor Pio X, em 1903 e 1906, insistiu na mesma orientação.

Bento XV, em 1 de Novembro de 1914 e em 6 de Dezembro de 1915, segue as pisadas dos seus antecessores. Na sua Encíclica de 23 de Maio de 1920 *(Pacem, Dei)*, para que não houvesse ilusões, depois de dizer que seria possível temperar um pouco a severidade das condições impostas pelos Pontífices aos soberanos católicos nas suas visitas a Roma, afirma solenemente: «nunca a condescendência da nossa atitude deverá ser interpretada como uma abdicação tácita pela Santa Sé dos seus direitos sagrados».

Victor Manuel III

Era esta a doutrina dos Pontífices. E a dos pensadores da Igreja? O padre Yves de la Brière, uma autoridade incontestada na matéria, ensinava que a principal razão dos protestos de Pio IX, Leão XIII, Pio X e Bento XV estava em que a Lei das Garantias era uma lei unilateral, imposta pela Itália, italiana apenas.

«O Vaticano — dizia êle — procurava *internacionalizar* o problema das garantias da independência pontifícia, enquanto que o Quirinal e a Consulta teimavam *italianizá-lo*.»

Finalmente Pio XI, no dia da sua eleição, rompendo resolutamente com as tradições dos seus predecessores, saiu à *loggia* da basílica de S. Pedro para abençoar a multidão.

Assim foram criadas, após uma lenta evolução de espíritos, as condições favoraveis a um acôrdo entre o Quirinal e o Vaticano.

Pio XI encont.ou a solução: «A Igreja deixava de reivindicar a restituïção dos Estados pontifícios ou a soberania sôbre a cidade de Roma, não renunciando, no entanto, ao princípio de que a independência do poder espiritual exigia um território sôbre o qual o Papa fôsse soberano».

E, assim, segundo o famoso Tratado de 7 de Fevereiro de 1929, o Estado italiano reconhece plena propriedade, autoridade absoluta e jurisdição soberana da Santa Sé no Vaticano. Cria a Cidade do Vaticano colocada sob a exclusiva autoridade da Santa Sé; estipula a construção de uma estação de caminhos de ferro na mesma cidade, organizando os serviços telegráficos, telefónicos e postais, ligando directamente o Vaticano com os outros Estados; considera a Cidade do Vaticano como um território neutro e inviolável. E, por fim, entrega à Santa Sé 750 milhões de liras e deposita títulos de renda de cinco por cento ao portador no valor nominal de um bilião.

Foi tudo isto o que a diplomacia do grande pontífice Pio XI conseguiu sem que a sua atitude pudesse ser, em caso algum, considerada como uma abdicação.

Mais uma vez se verificou que o exemplo do ôvo de Colombo é dos mais salutares e profícuos nas grandes ocasiões.

Mussolini

DA SERRA DO MARÀ GRANDE PIRÂMIDE

A personalidade dDr. Pereira e Cunha

Desabafos de Antóni Cândido ao seu amigo

Dr. Pereira e Cunha

Um recente artigo do sr. dr. João Almendra, lembrando o alto espírito do dr. Manuel Augusto Pereira e Cunha, leva-me a tentar evocar esta eminente figura de português com a qual, por felicidade, pude conviver nos últimos anos da sua vida.

O sr. conselheiro dr. Manuel Augusto Pereira e Cunha, nascido no dia 15 de Outubro de 1855 na importante freguezia de Atei de Basto e falecido na mesma em 19 de Janeiro de 1937, com 81 anos de idade, formado em direito pela Universidade de Coimbra no ano de 1876-77, e eleito pelo círculo de Cabeceiras de Basto, foi Par do Reino e desempenhou os cargos de administrador em Mondim de Basto e Vila Real, de secretário do Governador Civil na cidade da Horta e Santarém e de Governador Civil em Faro, no Porto e em Lisboa.

O sr. dr. Pereira e Cunha, que era um homem culto, bem educado e de uma energia que a sua aparência física parecia desmentir, foi uma das celebridades que, nos últimos anos da Monarquia, transitaram do Govêrno Civil do Porto para o de Lisboa.

Os seus íntimos amigos Hintze Ribeiro, Wenceslau de Lima, e outros, que fôram presidentes do Conselho da Monarquia, diversas vezes teimaram com êle para que aceitasse uma pasta de ministro, o que êle jámais quis, porque mantinha uma única aspiração: a de partir para o Egipto a desempenhar o cargo de Juiz nos Tribunais Mistos. Essa aspiração realizou-a êle plenamente, pois chegou a ser presidente daquele tribunal.

O dr. Pereira e Cunha foi, de facto, como muito bem disse o sr. dr. João Almendra, uma das inteligências mais cultas da velha geração coimbrã. Está aí, felizmente vivo ainda, o prof. Ricardo Jorge que um dia afirmou ter sido o dr. Pereira e Cunha um dos espíritos mais fulgurantes, se não o mais fulgurante da sua época.

Condiscípulo e amigo constante do grande poeta conde de Monsaraz, amigo dilecto e igualmente condiscipulo do alto espírito que foi Gonçalves Crespo, que a morte tão cedo ceifou, Pereira e Cunha foi um dos amigos mais íntimos que António Cândido, — o orador insigne de uma Raça, formado também em direito um ano depois dêle, isto é, pelo curso de 1877-78 — sempre teve.

No seu espólio encontram-se cartas curiosas de António Cândido, o artista sublime da palavra, a águia gloriosa do Marão.

Sigamo-las. Em 28-8-904, em carta dirigida já para o Egipto diz:

"O José Luciano está visivelmente melhor: não sei o alcance das melhoras obtidas, porque não sei se são irremediaveis os estragos feitos pela doença.

"O Hintze, ministro de todas as pastas, com a sua resistência de aço, vai remando a favôr e contra a maré, e não me parece que esteja cansado. E todo o Portugal se resume nêstes dois homens, como sabes. Diz-se que haverá substituição ministerial dentro de breve prazo, e que á nova situação presidirá o P. de Miranda. Pode ser. Os embargos não lhe hão-de ser postos pelo Hintze: a minha dúvida principal é se o J. L., que o propõe e indica, *o quere*".

Em 12 de Maio de 1905 escreve: "Tem havido mosquitos por corda na política dêste interessante país; quando receberes esta carta, já deves saber tudo.

"Alpoim de pernas para o ar; José Luciano, espécie de Luiz XI, com as mãos na corôa, para que lha não usurpem; Hintze Ribeiro, sempre correcto, e, além disso, sempre hábil, sustentando o govêrno como a corda... sustenta o *enforcado*; o contracto dos tabacos impendente como uma ameaça de morte sôbre a actual situação, e talvez sôbre a que de futuro vier...

"É bonito isto!

"Hoje, 12 de Maio dêste ano da graça, lê-se o dec. de adiamentos das Côrtes até 16 de Agosto. Talvez o calor derreta tudo antes de chegado o têrmo do adiamento. Temos falado muito em ti, eu e o H. R. Escusado será dizer-te que te recordamos com saüdade".

Esta agora, escrita da sua humilde aldeia de Candemil, nos contrafortes do Marão, em 12 de Outubro de 1910, sete dias após a proclamação da República, não podemos deixar de a transcrever na integra:

"Querido amigo

"Vivo. Como o abade de Sieyés diria depois do terror, consegui atravessar os trágicos dias da Revolução. Estou incólume e são... fisicamente. Corri grandes perigos, mas pude chegar a esta montanha sem grandes enxovalhos ou insultos. Não sei o que me espera.

"Seja o que fôr, sinto-me resigado a tudo. É possível que me aposentem. Tenho êste direito: favor, não peço nem aceito.

"Morri para tudo, prêso ás tradições e responsabilidades da minha vida. Parece que a ordem se restabelece pouco a pouco: não sei, porém, se a corrente que quere uma Republica ordeira e conservadora, vinga ou não. Enterneceu-me profundamente o teu cuidado em mim.

"Porque não quis Deus levar-me antes desta mudança tão brusca e radical?!

"Abraço-te estreitamente, e com todo o meu coração.

"Teu velho e pouco feliz amigo sempre grato — António Cândido".

Em 10-9-911 já êle diz: "Talvez lá (em Lisboa) nos encontremos: o que será muito agradável para mim, que tenho saüdades de ti, e que muito estimaria conversar contigo sôbre assuntos do nosso desgraçado país. A fortuna foi-te propícia.

"A tempo te puzeste fora desta terra, sôbre a qual um mau destino continua a entornar infortunios de tôda a espécie.

"Foi-te propícia, e foi justa. Merecias que ela te tratasse bem.

"Neste desabar de tudo, no meio de tanta insegurança, de tanto receio do presente e do futuro, e na negra perspectiva do que à minha pátria estará reservado por seu mal — só ambiciono que a morte venha, sem o seu pior cortejo, e em bôa hora".

Esta carta é edificante para a interpretação do drama íntimo em que António Cândido se debateu ante os males crescentes da vida nacional, como êle dizia numa das suas cartas.

Em 29-8-912, confessa êle: "Passo o tempo a lêr; e consigo assim distraír a minha atenção das calamidades da hora presente."

Em carta de 20 de Julho de 1918 acrescenta: "Extinguiu-se a minha familia *(com a morte duma irmã)*. Viver além de certo limite, é vêr morrer os outros!

"Oxalá que possas vir à nossa terra no ano próximo, e que eu viva ainda nêsse tempo para te vêr e abraçar na minha pobre casa de Candemil.

"Falaremos muito sôbre as mil coisas que se têm passado nesta nossa malaventurada pátria, e recordaremos com saüdade outros tempos mais felizes. Com que acertada inspiração deste à tua vida o destino que ela têve. Tu estás aí, e, onde quer que estejas, vives pelo coração e pela alma na pátria que conheceste e amaste: nós, forçadamente exilados dentro dela, temos padecido e padecemos o que não é para se dizer numa carta!

"Paciencia, paciencia...

"Pouco me dizes de ti; mas a tua carta, trazendo-me o afecto e a saüdade dum dos melhores amigos que tenho ainda, deu-me grande gôsto, e consolou a minha sempre dissaborida sensibilidade, dia a dia mais enferma e caída."

Em 1919, — em cujo limiar, António Cândido, que fôra seu padrinho de doutouramento, acompanhava em tarde de infinita melancolia aos Jerónimos que o consagrava, Sidónio Pais, no seu dizer "a última esperança dêste país" — diz em carta, a 29 de Dezembro:

"Não quero que termine êste funesto ano de 1919 sem te mandar com os meus votos pela tua saúde e prosperidades no ano próximo, um estreito abraço afectuoso e saudosíssimo.

"Que longas conversas teriamos se nos tivessemos encontrado!

"Falariamos principalmente do nosso tempo e do nosso país.

"E seria triste a nossa conversa, porque o tempo é desgraçado e o meu país cai, de hora a hora, numa miséria sem fundo e sem nome. Vai faltando tôda a gente da antiga sociedade. São raros os homens do nosso tempo que ainda vivem ou aparecem.

"A vida é uma desolação: principalmente para quem conheceu as facilidades e encantos doutras sociedades e doutra convivência.

"Meu querido amigo: és sempre presente ao meu coração e ao meu espírito; parece que, á medida que faltam os nossos amigos, colhidos pela morte, se concentra nos que restam o interêsse e o afecto dos que partiram".

E em 1921, em 11 de Setembro: "Queria ver-te e abraçar-te antes da tua partida para o Egipto e antes da minha partida para a longínqua viagem que não pode adiar-se muito; mas eu que não posso dar o passeio dum quilómetro sem um braço amparador, empalideço só de me imaginar na crista destas serras que outrora transmontava com a maior facilidade!

António Cândido

"Enfim, parece-me tristemente que nunca mais te verei. Pena foi que nos não encontrássemos em Entre-os-Rios; e se eu tivesse uma vaga indicação de que irias lá demorava-me os dias precisos até à tua chegada.

"Tens razão, meu querido amigo: a vida social e política neste país é deveras asfixiante, e deves agradecer à Providência a inspiração que tiveste de sair daqui a tempo.

"Eu considero felizes os que a própria morte libertou deste inferno! Dizes-me que será esta a tua última viagem para Alexandria. Creio que fazes bem, prevenindo o caso duma grande doença tão longe, e compreendo que queiras esperar na tua casa e na tua terra a *hora de Deus*, que é como Bossuet chama à hora final; e a Deus praza que ela sôe muito tarde para ti.

"Eu tenho estado muito doente desde que cheguei aqui a Lisboa, com um formidável ataque de fígado. Isto explica-te o meu silêncio. Os achaques acumulam-se na velhice: são os *avant-coureurs* da tragédia final, que, aos 70 anos, se tem como próxima, iminente.

E' verdade que o ultimo tempo tem sido dolorosíssimo e funesto; e o que me resta a viver já não pode trazer-me senão amarguras e mais desgostos. Paciencia. Curvo a cabeça convencido de que o pior está passado".

Aqui renasce uma fé portuguesa e viva no espírito do homem que, membro do antigo grupo "Os Vencidos da Vida" dissera:

"E não vir um Homem, meu caro Pereira e Cunha, que milagrosamente salve o país?!"

A sua ultima carta é de 30 de Abril de 1922. Refere-se à homenagem que lhe foi prestada na Academia de Ciências de Lisboa, em 30 de Março de 1922, e, durante a qual, António Cândido produziu um magistral discurso de agradecimento.

Ei-la: "Meu querido Pereira e Cunha.

"Penhorou-me e enterneceu-me o teu telegrama.

"Isto foi uma cousa inesperada e desproporcional: mas muito consoladora à minha desalentada velhice.

"Senti que não estivesses aqui; estava na minha alma a lembrança de todos os meus amigos, entre os quais tão alto lugar tens e terás sempre".

A 24 de Outubro dêsse ano António Cândido morria sem que lhe fôsse dado ver surgir o Homem que milagrosamente havia de salvar a Nação.

Com êle morrera também o seu desalento sincero e justificado ante os males crescentes da vida nacional.

A grande Pirâmide

Ao fidalgo da palavra e príncipe dos oradores da terra portuguesa não foi, pois, dado apreciar em tôda a sua resplendente grandeza e fulgôr, o Homem por quem êle ansiava.

Mais feliz foi o Dr. Pereira e Cunha, a quem parece estarmos ainda a ver o sorriso da esperança e de íntima satisfação que lhe sentimos ao ouvir-lhe comentar a carta que o conselheiro João Franco, o último presidente do Conselho de El-Rei D. Carlos, lhe dirigira, pouco antes da sua morte, à certeza nacionalista do Portugal Novo.

No seu espólio há também cartas de António de Monsaraz, as mais numerosas. Impossibilitados, por falta de espaço, de lhes fazermos largas referências, não resistimos, porém, à tentação de transcrevermos parte desta, de 1904:

"O nosso amigo José Luciano piorou a ponto de se julgar em grande perigo a sua preciosa vida. O desgraçado racaíu na insensibilidade completa das pernas, tem lesada a medula, e na complicação de vários e antigos padecimentos agravados, julgam os médicos impossível salvá lo.

"Pode durar muito tempo êste período extremo de sofrimento, mas o desenlace há-de ser fatalmente a morte, que também pode ter o cuidado de o levar depressa.

"E nesta angustiosa situação conserva lucidíssimo o cérebro, que assiste serenamente, filosòficamente à derrocada!

"Pois foi agora, vendo-o perdido entre as tempestades das dissidências partidárias a surgirem-lhe em volta do leito, que o Hintze Ribeiro acaba de lhe dar uma facada brutal: reünia o Conselho de Estado para ser ouvido sôbre a dissolução das Câmaras e dissolveu-as sem ter com o velho chefe do partido progressista, a quem tanto deve, a amabilidade de o prevenir de tão insólito acontecimento! Isto com tal frieza e desdém, que conseguiu irritar os seus próprios correligionários, alguns dos quais censuram amar-

gamente êste facto deshumano! O José Luciano, habituado como estava à cortezia recíproca entre chefes que se diziam amigos pessoais, sofreu muito e teve esta grande frase, quando leu o convite para o Conselho de Estado: «O leão está moribundo; o coice do burro feriu-me no coração!»

"Hoje reünem-se em casa dêle os irrequietos marechais do partido progressista, para tomarem uma resolução definitiva a respeito das próximas eleições. O que resolverão aqueles malucos?

"Pobre José Luciano, que não pode ter, como qualquer simples cidadão, a vulgar consolação de morrer em paz!

"Dizem por aqui também que o Hintze te escreveu pedindo-te o favor de regressar à Pátria para cuidares das eleições! Não poderás também tu gozar em paz as delícias do teu novo cargo?»

Numa outra carta, tôda íntima e particular, confessa-lhe:

«Estivemos os dois (António de Monsaraz, autor da carta e José Cabral também formado pelo curso de 1876-77. Do segundo, cedo levado desta vida pela terrível tuberculose, disse António Cândido: «aquele esbelto e inteligentíssimo rapaz que nós queriamos tanto, e a quem a vida fez as mais belas promessas a que depois faltou. Que desgraçado!»)

"Do nosso tempo, não conheço ninguém que fôsse tão perseguido e perseguido sempre, por uma fatalidade implacável! Entregues ao prazer intelectual de ver os lindos quadros da vida oriental feitos pela tua pena, concordámos afinal que tu tens um belo cérebro de escritor, muito do teu país e da tua raça. Que delicioso livro tu és capaz de fazer, se quizeres, todo embebido de observação e firmemente tocado de sentimento e ironia!»

Hintze Ribeiro, o prestigioso chefe do partido Regenerador, onde Pereira e Cunha sempre militou como figura de primacial destaque, mantinha por êle especial admiração.

Em 1904, ao ser-lhe oferecida a Grã-Cruz de Cristo, Hintze Ribeiro escreveu-lhe a seguinte carta:

«Meu caro Pereira e Cunha: — As insígnias que lhe mando da Grã-Cruz de Cristo que El-Rei lhe conferiu, são o referendo do ministro e do amigo às grandes qualidades e aos extraordinários serviços que o Chefe de Estado lhe reconhece prestados à Monarquia e ao País.

"Mais do que eu lhe poderia dizer, que nunca poderia ser bastante mostrar-lhe o consenso de todos, quanto, felizmente, vale a inteligência e a vontade, a honradez e o trabalho.

"Cordealmente o abraça

Hintze Ribeiro.

Entre as numerosas condecorações que foram oferecidas pelo Govêrno egípcio e pelo Rei Eduardo VII e Raínha Vitória ao dr. Pereira e Cunha avultam as de Grande Oficial da Ordem do Nilo e a de Grande Oficial da Ordem Real da Vitória.

Entre as condecorações concedidas pelo Govêrno português destaca-se a da Grã-Cruz da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila-Viçosa, cujas insígnias lhe foram cedidas pelo próprio Rei D. Carlos, que as usara, em homenagem ao seu monarquismo prestante e intransigente.

Era ainda Grã-Cruz da Real Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Real Ordem Militar de Aviz e Cavaleiro da Grã-Cruz da Real Ordem de Isabel, a Católica.

O Senhor Conselheiro Pereira e Cunha conviveu muito com o Rei e a admiração que por êle mantinha nunca deixou de a significar em cartas escritas à Raínha D. Amélia, para terras de exílio, tecendo mesmo uma espécie de idolatria à volta da figura do infeliz Monarca.

A sua fidelidade à memória de El-Rei D. Carlos manteve-a até ao fim da vida. No seu jazigo de família, ao alto do seu túmulo, lá estão, acompanhando-o na última morada, os retratos de El-Rei D. Carlos e da Raínha D. Amélia.

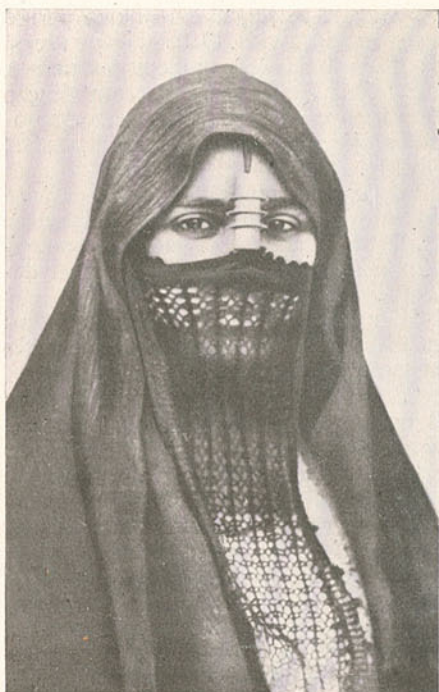
Nos últimos anos da sua vida o Dr. Pereira e Cunha vivia da saüdade dos tempos passados. Pouco antes da sua morte nos falou ainda dos seus condiscipulos mortos, destacando os que lhe foram mais queridos: Gonçalves Crespo que figura ao centro do quadro do 5.º ano do curso 1876-77, dos seus mais dilectos amigos, Monsaraz, que tanto lhe queria, de António Cândido, que tanto o admirava e do Conselheiro Custódio de Almeida, espírito singular, juiz eminentíssimo, que ditava as sentenças e as justificava inteiramente com poderosa razão — ficaram célebres muitas das suas decisões! — sem o auxílio dos códigos e leis então vigentes. Foi de todos o que com êle mais conviveu. Custódio de Almeida era um espírito nascido para a discussão. Da grande batalha de ideias em que os dois se travavam em clamorosas discussões, de que sempre saía vitorioso Custódio de Almeida, levou o Dr. Pereira e Cunha a classificá-lo com o espírito mais vivo que jámais encontrou em tôda a sua vida.

Uma nota curiosa: o sr. Dr. Pereira e Cunha foi Chefe da Repartição da Direcção Geral da Administração Política e Civil do Ministério do Reino, quando era ministro da Monarquia, o Dr. Bernardino Machado, futuro presidente da Republica.

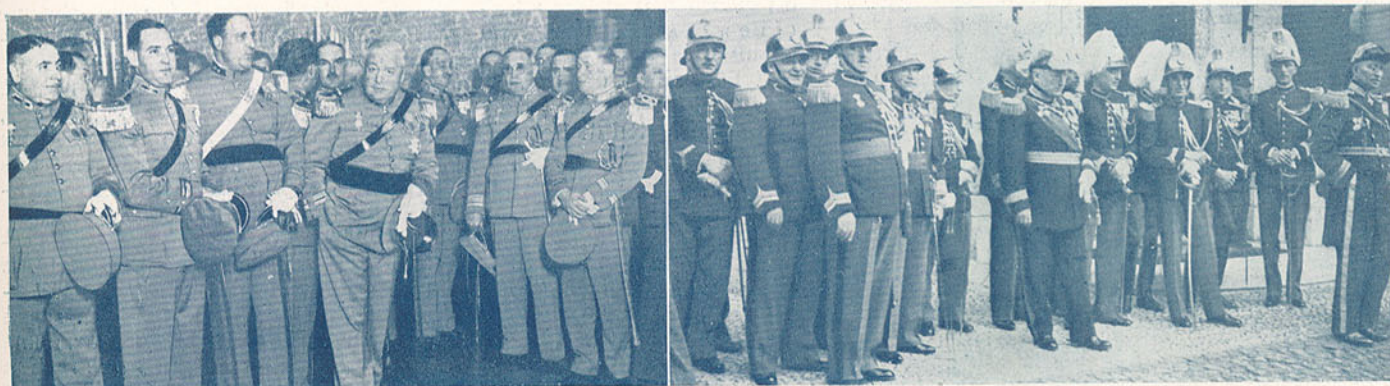
Que saüdades não sentia o Dr. Pereira e Cunha pelo Egipto, onde pela cultura do seu vigoroso espírito tão alto soube dignificar o nome de Portugal!

No dia 2 de Fevereiro de 1937 realizou-se na *Cour d'Appel Mixte*, de que o Dr. Pereira e Cunha fôra conselheiro, uma sessão solene em que ficou para sempre destacado o seu formoso talento e a sua rara inteligência.

JOSÉ PLÁCIDO MACHADO BARBOSA.

Belezas egipcias

A ENTRADA DO ANO NOVO

A' direita: O sr. Presidente da República lendo ao microfone da Emissora Nacional a sua mensagem a todos os portugueses, por motivo da entrada do Novo Ano. — *A' esquerda:* Retribuição de cumprimentos na Assembleia Nacional

O Corpo Diplomático na recepção de Belém. O sr. Núncio Apostólico, em nome de todos os seus colegas do Corpo Diplomático pronunciou um discurso de saüdação que o sr. Presidente da República agradeceu em breves e eloqüentes palavras

Oficiais do Exército e Guarda Republicana que foram apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado poor ocasião da entrada do Novo Ano

A imperatriz Maria Luiza e o Rei de Roma

Parque do castelo de Schoeburn

NÉVOAS DO PASSADO

A vida amorosa do filho de Napoleão

Um coração pequenino que ansiava mundos de ternura

ERA nos arredores de Viena, no palácio imperial de Schoenbrünn, por uma radiosa tarde de primavera.

O sol principiava a declinar, mas num lento e majestoso declíneo, tal como um poderoso monarca que, aureolado por todos os esplendores da realeza, fôsse descendo, um a um, os degraus do seu trono, para ir repousar num maravilhoso leito de ouro e púrpura.

O lápis-lazuli do céu começava a diluir-se em turqueza e as nuvens, ainda há bem pouco alvas, diáfanas e translúcidas como musselinas orientais, tomavam coloridos de rosa e lilás pálido. De véus de noiva, convertiam-se em mantos de fada.

Os ruídos, como sempre ao aproximar-se o fim do dia, amorteciam, pouco a pouco, de modo que, a não ser as vozes das sentinelas e os gritos dos gaivões que, com as suas asas negras, iam traçando estranhos hieroglifos no setim azul pálido do céu, nada perturbava a dôce tranqüilidade daquela formosa tarde.

Melancòlicamente apoiado no peitoril duma varanda — duma dessas varandas do palácio, em cujo gradeamento de ferro forjado se recortava a sinistra águia bicéfala dos Habsburgos — um jóvem oficial austríaco permanecia imóvel, como que imerso numa profunda meditação.

Do alto daquela varanda, o olhar, abraçando o horizonte, onde, dum lado, se desenhava sôbre o fundo cerúleo a cidade de Viena, e doutro, a cadeia de montanhas do Kahlenberg, avistaria um formosíssimo panorama.

Mas os olhos do belo moço, êsses olhos dum azul mais vivo e luminoso que o do próprio firmamento, percorriam êsse lindíssimo panorama com a maior indiferença. Ou por outra, olhavam-no, mas não o viam. Também se olha sem vêr...

Era fácil de adivinhar que se o corpo estava ali, no palácio imperial de Schoenbrünn, a alma estava longe, muito longe, talvez a centenas de léguas dali...

Por muito grandiosa que fôsse a cidade que se perfilava ao longe entre nuvens cor de rosa e por muito poéticas que fôssem as colinas que, ao longe também, erguiam sôbre o fundo de turqueza os seus cumes dourados pelo sol, não podiam encantar o jovem pensativo porque os olhos e o coração dum exilado só encontram beleza e encanto nos panoramas da sua Pátria.

Exilado? Aquele moço alto, loiro e belo como um deus que, irrepreensível no seu uniforme branco — o uniforme branco dos oficiais do exército de Sua Majestade Imperial Francisco I de Austria — se recortava numa das varandas do palácio de Schoenbrünn, era um exilado?!

Sim, um exilado porque nascera fora dos domínios dos Habsburgos, num grande e formoso país, donde a traição e a adversidade o haviam expulsado.

E não era só um exilado, mas também um despojado. Nascera rei — Rei de Roma — e a traição e a adversidade conjuradas haviam-no privado dos seus domínios e da sua coroa!

Rei de Roma! Iam longe os tempos em que, então uma criança ainda, aquele jovem era saudado com aquele título glorioso!

Tudo mudara realmente para o "Aiglon", desde o dia em que a Aguia, derrubada para sempre em Waterloo, fôra, carregada de pesados grilhões, agonizar nesse ninho de rochas, perdido no meio do oceano, que se chama S.[ta] Helena...

Tinham-no obrigado a envergar o uniforme que, durante mais de dez anos, só conhecera a derrota nos campos de batalha a êle, a êle que estava destinado a usar o glorioso uniforme que, durante mais de dez anos, percorrera a Europa, de vitória em vitória!

Tinham-no constrangido a tornar-se príncipe austríaco a êle, a êle a quem seu pai, mesmo do longinquo rochedo que lhe servia de prisão, recomendara que jamais esquecesse que era príncipe francês... Tinham-no feito súbdito da monarquia austríaca — dessa monarquia que, poucos anos antes ainda, após as triunfais jornadas de Austerlitz e Wagram, tremia diante da espada do "Pequeno Corso" — a êle, a êle que nascera rei e para quem Napoleão sonhava o império da Europa e o domínio do Mundo.

Napoleão, por Jean Cossard

E até, não contentes de lhe terem roubado o seu pai, a sua coroa e os seus domínios, êles, ou antes Metternich, perante cujas setas pacientemente forjadas — as setas da Santa Aliança — as águias napoleónicas haviam caído mortalmente feridas, o tinham privado do último apanágio que lhe restava — o seu nome.

De Napoleão II, Majestade Imperial, haviam feito Franz, duque de Reichtad, Alteza Sereníssima. Nem sequer Alteza Imperial! Alteza Sereníssima como o mais obscuro dos príncipes austríacos ou italianos!...

O imperial exilado afastou-se da varanda. Deu alguns passos na sala, com as mãos atrás das costas e a cabeça melancòlicamente pendida, e veio deter-se em frente à sua mesa de trabalho onde, numa desordem mais aparente do que real, se amontoavam, entre os cantos de Ossian e o "Filho do Homem", uma dezena de livros sôbre Napoleão I.

Porém, não foi para as obras que exaltavam as glórias da *Grande Armée*, que cantavam tôda a maravilhosa epopeia napoleónica, que a sua mão — a sua magra e aristocrática mão que dir-se-ia modelada em cera — se dirigiu. Foi para o livro das Memórias de Antommarchi, o médico que assistira a longa e dolorosa agonia do imperador.

Durante perto de meia hora o príncipe, aquele a quem o poeta francês Barthélemy chamara no seu poema o "Filho do Homem", permaneceu curvado sôbre o livro de Antommarchi, graças ao qual conhecia, como se a êles tivesse assistido, os últimos momentos de seu pai.

Conhecia não, via.

Via S.[ta] Helena — pequeno ponto negro isolado no meio da imensidade do grande deserto líquido — elevando do seio das águas a sua silhueta dantesca.

Via essa enorme massa de rochedos gigantescos descarnados na base pelas vagas alterosas, sulcadas nos flancos pela lava dos vulcões e aguçados nos cumes pelas chuvas torrenciais.

Via o interior dessa ilha maldita por Deus, ora devastada pelos tufões, ora sepultada pela bruma onde nem a vegetação crescia com vigor, nem as flores desabrochavam com beleza, para onde a Inglaterra, representando o papel do abutre, relegara o novo Prometeu.

Via a humilde granja de Longwood onde, guardado à vista por uma guarnição inteira (quási três mil homens entre oficiais e soldados, uma esquadra com seiscentos canhões, e uma legião de espiões), vegetava aquele que conhecera os esplendores das Tulherias e de Fontainebleau.

Via, a 2 de Abril, o cometa, arrastando a sua cauda sangrenta por cima da ilha. Um cometa como aparecera em Roma, pouco antes da morte de César...

Depois, a terrível noite de 4 para 5 de Maio. Via as ondas levantando-se cada vez mais altas, como que animadas duma cólera louca, rolando em cataratas efervescentes e vindo quebrar-se em montanhas de espuma de encontro às falésias da ilha maldita. Ouvia a infernal serenata do vento que aos gemidos, aos uivos, aos rugidos, passava esguedelhando raivosamente os ramos das árvores que, de longe, pareciam escravas bárbaras amarradas ao poste da tortura.

O dia, após a noite. Via o sol, dissipando o espesso sudário de brumas e o mar recuperando, pouco a pouco, o seu límpido espelho de cristal azul e prata.

As horas, os minutos e os segundos decorrendo longos como séculos...

Em seguida a morte, à hora em que o sol, o maravilhoso e ofuscante astro dos trópicos, desaparecia no oceano, incendiando as águas com as brasas incandescentes dos seus útimos raios.

. . . .

O filho de Napoleão fechou o livro e, tomado dum respeito quási religioso, depo-lo cuidadosamente em cima da mesa.

Agora já não via só, ajoelhava. Em imaginação, ajoelhava no pequeno vale do Géranium, ao pé da fonte do Torbett, junto a lage branca sem inscrição alguma, onde, chorado apenas pelos dois salgueiros de ramos entrelaçados, seu pai dormia o último sono em terra estranha.

O principe imperial deu alguns passos na sala, mordendo os lábios para não chorar e veio de novo debruçar-se na varanda, olhando o sol que ao longe continuava a declinar, a empalidecer, a sumir-se, como declinado, empalidecido e sumido se havia a estrêla de Napoleão.

Cá em baixo, o parque, numa sinfonia de matizes glaucos, estendia sua alcatifa de pelucia salpicada pela mancha policroma das flores.

Contudo, não era com prazer, mas sim com infinito pesar que êle olhava o parque de Schoenbrünn. Aqueles belos jardins povoados de estátuas brancas e lagos espelhantes, traziam-lhe à memória a sua desgraçada infância de órfão.

Órfão? Sim. O pai estava em S.[ta] Helena agrilhoado ao rochedo maldito, prisioneiro, como diria Esquilo, da violência e do poder, enquanto que a mãe...

Tôdas as vezes que a palavra mãe soava aos ouvidos do filho de Napoleão um profundo rubor lhe coloria as faces e um sorriso amargo lhe franzia a bôca.

Jamais soubera o que era ter mãe!

Maria Luiza de Austria, atraiçoando os mais sagrados deveres que a religião e a moral lhe impunham para com seu marido e o seu filho, em vez de imitar o procedimento de sua avó, a grande imperatriz Maria Tereza, fôra a primeira a dar a mão aos inimigos da França e alegrar-se com a derrocada do trono napoleónico.

E, enquanto o marido — aquele que a elegera entre tôdas as princesas reais da Europa para com ela partilhar o mais poderoso e esplêndido trono que se erguera na terra depois do de Carlos V — agonizava em S.[ta] Helena, sob o olhar frio e agudo do inflexível carcereiro inglês, ela, sempre ávida e sempre insaciada de volúpia como a Messalina que Tacito e Juvenal nos descrevem, vivia em Parma, alegre e feliz, nos braços dos amantes, uma existência de prazer.

E enquanto o filho que ela, sempre ter-

Napoleão na ponte de Arcole

A morte de Napoleão em Longwood

O duque de Reichstadt

rívelmente fraca e egoísta, deixara, ou antes, abandonara, com a maior indiferença, em Viena aos cuidados de estranhos, recebia, à menor falta, as chicotadas do perceptor Obenans, ela cobria de beijos e de carícias os bastardos que, ainda com o marido vivo, tivera do conde de Neipperg.

O palácio de Shoenbrünn onde a sua infância decorrera triste e isolada, sem ter a aquece-la o calor dum afecto, fôra para o rei de Roma uma autêntica S.ta Helena.

E S.ta Helena continuava a ser. O príncipe de Metternich — a raposa diplomática que outrora vencera a águia gloriosa — tornara-se, com os seus polícias e os seus espiões, o Hudson Lowe daquele que os bonapartistas persistiam em chamar Napoleão II.

— Ninguém aqui gosta de mim — murmurava o príncipe para consigo com a maior tristeza — Odeiam-me porque sou recordação sempre viva de Wagram. Odeiam-me porque sou prova viva de que foram vencidos; de que foram obrigados a suplicar a paz, quási de joelhos, ao "Pequeno Cabo"; de que se viram constrangidos a dar-lhe a êle, ao *"Ogre,* ao *"Filho do Povo"* uma das suas princesas por espôsa. Odeiam-me porque temem que, um dia, a França me chame!

É por isso que ninguém aqui gosta de mim, ninguém aqui sente por mim a menor afeição!

A imagem duma mulher jovem, linda, graciosa, adorável, abanando a cabeça num gesto de maguada censura, passou diante dos seus olhos e o principe reconheceu o seu exagêro.

Realmente existia ali, dentro daquele soturno palácio, alguém que muito o amava, alguém que aquecia a sua alma de órfão e de exilado com a chama do seu afecto e da sua ternura — Sofia da Baviera.

Fôra — lembrava-se bem — sete anos antes, era êle um pequeno homem de treze, que a conhecera, ou por outra, que ela entrara, pode dizer-se, na sua vida.

Napoleão

Um dos arquiduques irmãos de sua mãe, aquele que, precisamente, pelo seu carácter refalsado e mau, maior aversão lhe inspirava, escolhera para noiva uma das filhas do rei da Baviera.

Acolhera a notícia do próximo enlace com a maior indiferença, ou por outra, com um secreto receio. Uma nova arquiduquesa significava — pensava êle — com a sua sagacidade de criança precocemente amadurecida pelos infortúnios — sem dúvida uma nova inimiga...

Porém, ao ver a princesa da Baviera, ao ver essa deliciosa jovem que era a viva imagem da graça, da mocidade e do encanto, todos os seus receios desapareceram por completo.

Num gesto lindo, a nova arquiduquesa, sem lhe dar tempo para dizer uma palavra, correra para êle de braços abertos, estreitara-o de encontro ao peito e cobrira-o de carícias, contemplando, àvidamente, o seu rosto — o rosto do filho

O túmulo de Napoleão em Santa Helena

do grande Napoleão a quem ela (irmã de Amélia da Baviera, mulher de Eugénio de Beauharnais) desde criança votava um culto.

O coração do pequeno Bonaparte estava ávido, sequioso de ternura. Sofia possuia guardados no seu tesouros de afeição e todos êsses tesouros, já que não possuia o amor do marido, nem, para consolar-se do seu isolamento sentimental, o berço dum filho, ela os consagrou ao "Aiglon" prisioneiro.

Fôra a sua verdadeira mãe, a sua grande amiga, aquela que encontrara sempre ao seu lado, para lhe suavizar tôdas as dôres, cicatrizar tôdas as feridas e animar tôdas as esperanças.

Que admira, pois, que êle tivesse dado todo o seu coração só a Ela, apenas a Ela, ùnicamente a Ela?

E como sempre, nas horas de tristeza e de desânimo, nessa tarde, o principe deixou os seus aposentos, desceu a pequena escada que conduzia ao andar inferior, em busca da grande, da deliciosa amiga que, com o seu sorriso lindo e as suas meigas carícias, iluminava a sua alma.

Não era só em busca da grande, da deliciosa amiga que êle corria apressado.

Somos sempre os últimos a ler em nós próprios...

Era em busca da amada, daquela que, sem que êle se apercebesse, ocupava a sua existência, daquela que retinha o seu coração prisioneiro nas suas mãos brancas, que êle corria apressado...

Os anos da criança, haviam feito um adolescente. A hora suave, em que a amizade se transformaria em amor, tinha pois, fatalmente, que soar...

EUNICE PAULA.

A FESTA DA NEVE

Branca e imaculada a neve, cobre com o seu pesado manto de arminho, altas montanhas e os países em que o frio é intenso. A neve quando o termómetro desce abaixo de zero, o ar é gelado e as negras nuvens duma côr ameaçadora cobrem o firmamento e descem, descem tanto que parece tocarem o telhado das habitações dos homens, começa a cair silenciosamente, sem fazer barulho em pequenos flócos brancos que parecem farrapinhos de algodão em rama, e, pouco a pouco êsses farrapinhos aumentam, crescem e tornam-se em borboletas brancas, que ao cair formam um tapete lindo, fôfo e branco, tão branco que deslumbra e encanta.

Nada há mais bonito do que ver cair neve, estando dentro duma casa bem aquecida, mas como sentimos a tristeza dêsse ar silencioso, que tudo envolve, se pensarmos naqueles, que sem lume e sem pão, sentem cair sôbre os seus membros enregelados e inertes êsse pesado fardo branco, leve tão leve ao princípio e que pouco a pouco se torna num peso que mata.

Ao pensarmos em tantos pastores, que andam expostos à neve, a tantos viandantes, que habitam países frios, e, que surpreendidos pela neve, a vêem impiedosa cair à sua volta, crescer continuamente e por fim sepultá-los na sua traiçoeira beleza, de aspecto tão puro e material, e de tanta fôrça no mal, a neve que encanta os olhos, assusta-nos e aterra-nos, e, quando longe, a vemos cair linda e impiedosa, sentimos saúdades imensas da nossa terra, onde ela, só acidentalmente pode cair e por horas apenas.

Esse manto imaculado que torna a paisagem admirável que cobre os telhados das casas, que guarnece os ramos sêcos das árvores, que torna os pinheiros árvores de Natal, em festa essa neve, não é sòmente o vestido puro do batisado, essas rendas leves e brancas do recem-nascido, que vai a ser feito cristão à Pia Baptismal, nem também o branco vestido que a adolescente, pura e linda, veste para a sua primeira comunhão, simbolo da sua pureza que a leva a receber Cristo pela vez primeira, com a alma branca como o seu vestido, nem mesmo ainda o setim branco da noiva pura, que entra em nova vida, é muitas vezes o sudário branco que envolve o morto na sua descida à sepultura.

A neve é linda, é deslumbrante para quem a vê na sua beleza imaculada envolver tudo na brancura que nada iguala, mas é temível na sua brancura, temível com a escuridão.

Quando defendidos a vemos, sentimo-nos atraídos e encantados, mas quando sem defesa ela ataca e tudo cobre mansamente, silenciosamente, numa teimosia suáve, sempre crescendo em volta, macia e quási impalpável, entorpecendo, aniquilando e matando, o pavor apodera-se do espírito humano e nessa beleza tememos a morte que ela oculta num aspecto de pureza e ingenuidade.

Mas o homem moderno não se deixa intimidar e aproveita para seus prazeres tudo o que lhe pode proporcionar distracção, um desporto, e lutando vence o mal, e a neve mortífera, torna-se num elemento a mais para o seu robustecimento, para o seu desenvolvimento da sua saúde, da sua fôrça, do seu valor.

Até aqui a humanidade defendia-se da neve, fechando-se em casa, acendendo lume, aquècendo-se e pelas janelas espreitava-a, admirava-a de longe, como a uma coisa muito bela, mas muito perigosa, de que era preciso fugir no terror máximo, do mal que ela lhe podia fazer.

Agora não é assim. Cai a neve, a primeira neve e os palácios que são os hoteis, que coroam as altas montanhas da Suiça e de outros países, iluminam-se feèricamente, aquecem-se com as mais modernas invenções, contractam alegres «jazz-bands», preparam as suas ementas de luxo, os banquetes que assinalarão as festas de inverno e esperam os seus hóspedes.

E a multidão dos ricos, daqueles que até há pouco fugiam à neve e ao frio acorre de tôda a parte num desejo de movimento e de desporto, à procura de sensações novas e tambem um pouco por snobismo, porque é elegante fazer «ski» e dançar à noite num «palace» iluminado a uma altitude respeitavel.

E o «ski» tem os seus fervorosos adeptos é muito «chic» ir a Adelhaden, aos Dolomite, a todos os pontos de reunião. De dia, as senhoras igualam-se aos homens no trajo, nas calças, nas botas ferradas, nos «passemontagne», mas à noite flores de luxo e de elegância desabrocham em vestidos de côres maviosas e suaves, envolvem-se em setins e «lamés» de ouro e nos salões aquecidos e perfumados dançam infatigaveis, depois de se terem cansado todo o dia a fazer «ski» êsse desporto violento, que requer uma preparação de horas seguidas durante o dia.

A pele bronzeada pelo ar da montanha que queima como o sol, a mulher dêste século mantém no inverno o seu aspecto desportivo, devido ao «ski».

E a neve vencida pelo homem oferece as suas vastidões imaculadas aos que se entregam a êsse inebriamento da velocidade na brancura que envolve e encanta. E os saltos surpreendentes e as carreiras vertiginosas, tornam êsses dias em sonho de vida livre, e, aproveitada para a alegria de viver, mesmo sôbre a natureza morta, envolvida no seu sudário branco.

E os pequenos «flirts», as pequenas alegrias, os grandes despeitos das rivalidades, penas de orgulho ferido, desgostos de coração, alegrias permitidas e brancas como a neve, que as rodeia, esperanças que findarão passados êsses dias de «parentesis» na vida de sempre, encontros sem importância de pessoas que não tornarão a encontrar-se, paixões desvastadoras, que nascendo na brancura acabarão no negrume das vidas despedaçadas, tudo isso o homem leva para as altitudes onde antigamente a neve era a única senhora e que via o seu silêncio interrompido apenas pelos voos das águias, que em agudos gritos lançam o seu apêlo.

Tranquila e branca oferece o seu tapete aos esquiadores, que sôbre ela deslisam, brincam, rolam num esquecimento dos pezares já sofridos, na imprevidência dos que estão para vir, mas a montanha não é segura, cautela com a sua ira.

E os montanheses aqueles que ali próximo nasceram, que desde crianças estão habituados às suas coleras e às suas intemperies, guias seguros dos desportistas amadores, em certos dias, fazem a sua prevenção.

Cuidado com a montanha que vai zangar-se, cuidado com êsse lindo tapete branco que a tempestade vai agitar e os «palaces» trancam as suas portas e janelas, e, a tempestade cai pesada e branca arrastando tudo no turbilhão branco da neve, que o vento impele, turbilhão perigoso e assustador, mas dentro dos palácios, aquecidos e iluminados a humanidade corajosa esquece a natureza convulsa e dança, ri, conversa, joga e flirta, indiferente à colera da montanha invadida.

O vento sopra? Que importa se tudo está fechado e o aquecimento suave torna a temperatura deliciosa, a neve cai abundantemente? Melhor, amanhã se poderá fazer «ski» com mais prazer, e nos salões os pares deslisam ao som dessas valsas de Straus, que é a terceira vez, num século, que embalam ao som melodioso dos seus acordes a humanidade, que dança.

Nós temos já na Serra da Estrela pontos onde os apaixonados de «ski», podem exercitar as suas habilidades embora a neve nem mesmo ali atinja no nosso país essa dureza e gêlo necessários a êsses exercicios.

São já frequentes as excursões em «camionettes» que levam no porta-bagagem o equipamento dos esquiadores, e, muitos os que ali se dirigem e encontram no hotel das Penhas da Saúde um relativo conforto que torna muito suportável a estada na Montanha.

Mas faltam ali os grandes «palaces» com as suas diversões, que tornam tão procuradas as estâncias de inverno da Austria, da Suiça e da Itália. O amor ao desporto, leva todos êsses ricos que não têm que fazer senão distrair-se, a procurar a neve, mas o amor ao conforto e às distracções exigem, que haja hoteis que sejam palácios onde nada falta e onde se possam divertir.

E assim a neve branca que cobre as montanhas com o seu pesado manto de arminho, só se conservará imaculada e branca nas solidões, onde não há «palaces» nem divertimentos, solidões que só o voo das águias desperta do seu silêncio, que a neve sudário da natureza morta no inverno, estende em enormes extensões, branca solene longe dos esquiadores longe dos homens, num silêncio branco, envolvente que não desperta senão com os primeiros degelos e é aí que a neve tem a sua festa, a festa da brancura.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

Em princípio de novo ano devem fazer-se propósitos para levar mais bem estar e mais satisfação ao seio da família, e, àqueles que nos rodeiam e que formam o núcleo dos nossos afectos.

É uma das principais coisas a fazer para tornar a vida familiar agradável e atraente, é, para a mulher que é dona de casa e que tem a seu cargo o bem estar duma família, o cuidado em tornar o lar o sítio mais confortável, o mais atraente de todos, para aqueles que constituem essa sociedade dentro da sociedade a que se chama a família.

Tenho que confessar que o gôsto pela casa se tem desenvolvido extraordinàriamente em Portugal e que é raro hoje entrar em qualquer casa onde viva gente, já não digo rica, mas remediada, onde se não note bom gôsto, embora sem riqueza e um certo cuidado em alindar e tornar o ambiente agradável. Em muitas casas vê-se ainda predominar o mau gôsto, mas isso é uma coisa subjectiva e a verdade, é que se nota o desejo de embelezar o lar, de o tornar num lugar de vida, onde se sinta bem estar.

Mas nós os portugueses temos como os italianos e espanhois e em geral todos os povos latinos um certo desejo de ostentação e de luxo, que leva muitas donas de casa a cometer um grande êrro quando organiza a sua casa.

A melhor divisão a mais ampla e a mais arejada é dedicada á chamada sala de visitas, onde se guardam os mais preciosos objectos da família e que, como tal está sempre fechada, para evitar que o sol desbote os estofos dos «maples» e a poeira destrua os objectos de estima. Os quartos de dormir, a sala onde a família se reúne e vive, é muitas vezes acanhada e sem condições, os quartos das crianças sem sol e sem janela.

Êste hábito vem do uso de viver mais nas casas alheias do que na própria que se está apoderando da nossa burguezia, como já se apoderára da alta sociedade.

Claro que a senhora que vai continuamente a «Ma Jong» perder o seu tempo e o seu dinheiro, tem de ter uma sala onde receba as amigas para o «Ma Jong» em sua casa. Se isto é muito justo para aquelas que têm uma casa grande, onde as salas não façam falta, e para as senhoras que na província dispõem de casas grandes com inúmeras divisões, em Lisboa onde a classe média vive em geral, em pequenas casas nunca a dona de casa deve sacrificar a sua família aos seus gôstos pessoais e colocar primeiro, que o bem estar dos seus, a sua vaidade pessoal.

Os quartos onde se vive têm de ser arejados e as crianças necessitam de ar e de luz e para que na família haja êsse hábito de reünião, que cria e mantem a unidade de gôstos e de pensamento, é preciso que haja uma sala onde todos caibam e onde cada um encontre os objectos a que mais se dedica, livros para uns, caixas de costura para outras, cavalete de desenho para os que a êle se dedicam e assim os membros duma mesma família habituam-se a viver em conjunto, a trocar impressões e a viver numa verdadeira comunhão de pensamento, que traz inevitavelmente o afecto e a união.

Há famílias que só se reünem à hora das refeições, para onde vem com os seus cuidados particulares, quási não conversando, por não terem êsse doce hábito do convívio familiar, onde se limam as arestas do carácter e onde se adquire a ciência de saber viver.

Ciência tão difícil e tão útil na sociedade, ciência de que depende o êxito na vida e que tão necessária é numa sociedade civilizada, de que a família tem de ser a verdadeira escola, onde se formam cidadãos e caracteres.

E à mulher como organizadora da casa incumbe em fazer da sua sala não uma sala de «Ma Jong» e de visitas sem interêsse, mas a reünião familiar de todos e dos amigos que trazem o calor da sua afeição, à chama viva que une a família.

Parece que a disposição a dar a uma casa é uma coisa insignificante, que não conta, mas na vida nada é pequeno e tudo tem importância, e na família é da mais alta conveniência que haja essa união que só se consegue com a convivência diária e contínua, que os pais vivam a vida dos seus filhos, conheçam as suas aspirações, que os irmãos comuniquem os seus sonhos e se ajudem no viver dia a dia a realizá-los. Os ingleses nesse uso do «parlour» sala de reünião da família dão-nos o exemplo dessa vida de família tão interessante e útil.

À mulher incumbe o preparar dentro de casa o ambiente dos que têm de viver fóra dêle.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Em pleno inverno, frio como há muito não era o inverno entre nós, a moda que nos vem de Paris, onde a temperatura desceu duma maneira extraordinária, gelando lagos e tanques, tornando as ruas escorregadias com o gêlo e a atmosfera siberiana, é como naturalmente se supõe a moda das peles, êsse abafo que nada pode igualar nem substituir.

As peles não deixam penetrar o frio e com o «anatine» que lhe fazem tornam-se um delicioso abafo, dos mais apreciados e mais úteis.

Entre nós poucos meses se usam os casacos de peles, mas com as temperaturas actuais êles são bem úteis nos meses de rigoroso inverno e bem apreciados pelas senhoras.

Umas apreciam-nos porque são realmente friorentas e necessitam do seu confôrto, outras pela elegância e distinção que dá à «toilette», um bom e confortável casaco de peles.

Mas o casaco de peles tem de ser de boa qualidade, alguns que se vêem em peles de coelho são muito frios e não podendo ter um bom casaco é preferível fazer um casaco de bom tecido de lã guarnecido a pele.

Nada mais feio do que as peles ordinárias e mal apresentadas.

Damos hoje alguns modelos em pele de grande «chic» e muito práticos pelo confôrto que proporcionam e pela maneira de os usar.

Casaco comprido em lindo arminho da Rússia tinto, fechado até acima, amplo e confortável é forrado de setim castanho e fecha com dois bonitos botões sôbre o peito, as mangas tornam amplos os ombros, a gola é de abafo.

Acompanha-o um gracioso chapelinho, a aba em «panne» e o fundo da capa em fitas «gros grain» que formam atrás um grande laço que descai graciosamente sôbre o cabelo.

Damos um outro modêlo de pele de muito gracioso efeito e muito prático para as senhoras, que não podem ter abafos em pele para de dia e para a noite.

É um bolero em raposa azul que se veste sôbre um casaco em fazenda de lã preta completamente liso e traçado na frente. O chapéu em «toupé» é muito alto e guarnecido também com raposa igual ao bolero o que forma um conjunto do mais gracioso efeito.

Sôbre um vestido em setim rosa pálido, guarnecido nas ancas por um bordado, que igualmente guarnece a borda da pequena cauda, o bolero faz um lindo abafo para a noite, que nas noites frias embora as salas sejam aquecidas é da maior utilidade, abrigando os ombros, peito e costas nas passagens dumas salas para as outras.

Para as senhoras que não podem comprar peles damos um lindo modêlo em grosso «tweed» de grande agasalho e muito prático.

Saia em «tweed» verde escuro, muito simples tendo apenas à frente e atrás uma prega. Casaco comprido no mesmo tecido, mangas «raglan». Colete em fazenda verde escuro com riscas verde claro e «écharpe» em veludo verde claro. Chapéu em bom feltro verde, duma graciosa forma.

Lindo modêlo de vestido «tailleur» em fazenda muito macia preta. Saia lisa completamente e casaco muito justo até às ancas, botões simples, dum lado e doutro da frente aplicações da mesma fazenda. «Écharpe» em veludo côr de fúchsia. Chapéu em feltro guarnecido com um véu que deixa livre a cara envolvendo a nuca e ata num laço debaixo do queixo. «Toilette» de grande simplicidade e requintada elegância, que deve agradar a tôdas as senhoras.

AS GRANDES CIDADES

Nova York a cidade das distâncias enormes, distâncias difíceis de transpor para quem não possui automóvel, e, que a multidão que assalta os meios de transporte público, à saída dos espectáculos, torna quási impossível de utilisá-los, originou uma engraçada ideia ao dono dum cinema, que em tempo foi hoteleiro.

Ao lado da sala de cinematógrafo montou um hotel, no qual os espectadores podem dormir, cada quarto tem sala de banho, há um vasto salão e uma sala onde se serve o pequeno almôço.

A seguir a êste pede-se aos clientes que sigam a sua vida, e, assim aqueles que vivem longe podem assistir ao espectáculo e em seguida dormir.

É uma novidade que só poderá dar resultado numa cidade como Nova York de tão colossais dimensões.

O que se não pode dizer é que seja para os estrangeiros muito barato com o câmbio actual, porque custa três dólares e meio, verdade seja que é com o espectáculo compreendido.

CHAPÉUS NO CINEMA

Volta à discussão um assunto, que há anos estava posto de parte: trata-se dos chapéus das senhoras nas salas de espectáculo; cinema ou teatro.

Modestos, pequenos sem enfeites os chapéus femininos, nada incomodavam e não havia contra êles o mínimo protesto, mas a moda guarneceu os chapéus; para o gôsto feminino tornou-os mais bonitos, — e para os espectadores masculinos — tornou-os odiosos.

Há tempo numa cidade da América emquanto passava um filme e a escuridão era propícia, os espectadores tomaram uma decisão enérgica contra os chapéus e depenaram-nos.

Depenaram-nos é a expressão exacta porque quási todos tinham penas e penachos, que impediam os espectadores de trás de ver a fita que se desenrolava.

Foi uma agressão selvagem que originou um conflito desagradável, como é natural. As senhoras gritavam a sua indignação justíssima por verem estragados os seus chapéus. Fez-se luz e o chão estava juncado de penas, os agressores vermelhos de cólera, afrontavam a ira e os insultos das atacadas, na beleza e na elegância dos seus chapéus, e, qual é a mulher que não compreende essa indignação?

Os maridos tomando o partido de suas mulheres e também das suas bolsas, porque viram eminente a compra de novo chapéu, envolveram-se em desordem com os depenadores, houve prisões e tumultos.

E à saída todos mal humorados diziam a suas mulheres: «Eu não te dizia de não pores êsse chapéu?»

Em Lisboa temos já elegantíssimos chapéus guarnecidos com lindas penas, «aigrettes» e

«paradis», abas elegantes e altas e temos de concordar, que as senhoras estão mais femininas, mais bonitas, mas o que é preciso é que elas se não esqueçam também dos espectadores das filas de trás no cinema, e, quando forem a êsse divertimento escolham entre os seus numerosos chapéus, aqueles que não são susceptíveis de provocar a ira do público e os desagradáveis conflitos, que se lhe sucedem.

HIGIENE E BELEZA

Continuamos a ver algumas senhoras com as unhas lacadas de vermelho, o que é dum péssimo gôsto porque dá à mão da mulher um aspecto ensangüentado que a torna cruel. Nada há de mais bonito do que uma mão bem tratada, mas não é necessário que as unhas tenham êsse aspecto tão agressivo.

Neste tempo de frio é absolutamente necessário pôr tôdas as manhãs pasta de amêndoa,

que branqueia as mãos e evita o ciciro tão incómodo e feio, em seguida meter as mãos em água morna e passar as unhas com um pouco de limão, para as tornar brancas e brilhantes.

Depois untá-las com vaselina ou com qualquer produto que as amacie e tire as peles em seguida dar-lhes brilho com a pomada «Houhigant» e assim se conseguem umas mãos idealmente lindas e que não vêem as unhas esfolhadas por maus vernizes.

DE MULHER PARA MULHER

Violeta: No quarto das crianças não convém êsse aquecimento. É preferível talvez o frio. Um fogão com tiragem não prejudica, mas a brazeira é perigosíssimo. Usam-se muito os casaquinhos em pele branca e se as peles são bonitas pode aproveitá-las sem se preocupar com essa ideia que é demasiado ingénua.

Mary: Um vestido de tule branco é sempre bonito para uma menina da sua idade. Faça a capa em veludo branco e pele branca e nos seus caracois ponha uns malmequeres brancos ficará encantadora. Pode ler a Maria Stuart de Stephan Zweig.

Triste: Não seja criança, isso não é motivo para tristezas, que importa que seja um pouco mais forte, mesmo êsse pêso não é nada de mais.

A estética é muito apreciável, mas não é tudo para tornar uma mulher interessante, procure tornar-se mais perfeita de espírito e de alma e deixe em paz os 65 quilos.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 21

(Totalidade — 18 pontos)

QUADRO DE HONRA

Mirna, Agasio, Infante e Barão Y

QUADRO DE MÉRITO

M A. P. M., Siulno, Ti-Beado, Rosa Negra, Mr. Moto, Sir Bay, Felix Lobato, Alvarinho, Eusapesca, Tripa Mágica, Erbelo, Diriso, J. Tavares e Visconde X — 17. Matina, Calaveras, Dama Negra, Larabastro e Tarata — 14. Aureolinda, Ramon Lácrimas, Cigano, Anjo das Serras e Almaviso — 13. Sevla, Francisco J Courelas e Saturnino 10.—Mulato—8. Periclitante—6. Cavaleiro Branco—16

DECIFRAÇÕES

1 — Multíscios. 2 — Grandemente. 3 — Bemquerer. 4 — Desfeito. 5 — Fí(ga)do. 6 — Jornada. 7 — Amago. 8 — Patola. 9 — Achata. 10 — Amago. 11 — Suave. 12 — Fragata. 13 — Azero. 14 — Socapa. 15 — Dominó. 16 — Espirituosamente. 17 — Cavatina. 18 — Égua cançada prados acha.

GRUPO EDÍPICO LISBONENSE

Por uma apreciada carta foi-nos comunicado a fundação dêste valoroso grupo charadístico ao qual desejamos prosperidades, longos anos de vida e... boa e assídua colaboração.

BOAS-FESTAS

Enviaram-nos cartões de boas festas as seguintes entidades: *Mirones, Infante, União dos Charadistas Alentejanos, Jofralo, Sileno, Mirna, Olegna, Dr. Sicascar, Magnate* e *Cavaleiro Branco*. Agradecemos e retribuimos gostosamente.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

1) Um ano degredado!... Ai, que vileza
O' minha apetecida liberdade!...
Metido numa escura cavidade
De horrível e severa fortaleza.

Sem ti, exangue e cheia de tristeza,
Jaz minha lira — acerba crueldade!
Que sem férreos grilhões, com suavidade,
Mais crente ouvia a *voz* da natureza. — 1

Se eu andasse metido no folguedo,
Sem *garbo*, a divagar com as amantes, — 2
Num nevaneio insano e duvidoso,

Inda me resignava êste degredo...
Mas sem graves razões, ó vis tunantes,
E' deplorável!... *Triste!*... Injurioso!...

Lisboa — *Fero (L. A. C.)*

(Extra-concurso)

2) Ri, meu filho, alegremente,
Ri, enquanto
És *um* santo — 1
Um sêr mimoso, inocente.
Se tu ris
Sou feliz!
Esqueço as amarguras da existência,
As vis contrariedades que ela encerra,
Para pensar que és tu quem, sôbre a terra,
Me faz crer, com fervor, na Providência!
Ri com vontade e gôsto...
Alegra êsse teu rosto
Angelical,

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 30

Enquanto êsses dois anos e meio
Te concebem a vida um recreio,
Um sonho astral...
Terás um dia *ensejo* de lembrar — 1
Estes momentos raros de ventura
Que um dia são saüdades de alma pura
Que o coração não sabe disfarçar...
Orações de indizível anciedade,
Porventura, aureolando a tua idade!

Lisboa — *Ordisi (T. E. e L. A. C.)*

ENIGMAS

Rosinha:

3) Flor em botão! querida minha;
oxalá te encontre bem
esta pequena cartinha
e assim como tua mãi.

Hoje são *dez; o começo*
nos lembra do nosso amor;
não o esqueças, a Deus peço,
enquanto vivente eu for.

Já faz um ano, Rosinha!
Do Céu a noite tombava...
tu ouvias, còradinha,
meu seio que palpitava...

Lembras-te? Como é sublime
revivermos o passado!...
quando nele não há crime,
quando êle é todo sagrado!!

....

E, por hoje, adeus, Amor!
nestas * *letras, p'ra acabar*,
eu vou agora depor
dois * * *beijos* p'ra te prendar.

* Letras gregas
* * Atirados de longe por galanteio.

Lisboa — *Siulno (T. E.)*

19) ENIGMA PITORESCO

(À memória do malogrado Director Rei-Fera

Luanda — *Ti-Beaao*

(A Siulno com vénia)

4) Escreva com duas letras
um bicho — sem sinal —
que pode viver na terra
ou nos charcos dum choupal.

Depois junte-lhe mais dez
e, para o enredo fechar,
nada mais será preciso
que o desejo de acertar.

Falta, porém, o comêço!
Pois lá vai, estou de acôrdo;
roube à grei uma sòmente
se quer' ser bem alto e *gôrdo*.

Lisboa — *Cavaleiro Branco*

5) Cinco letras tem o todo:
Prima e quarta vogais;
As outras são consoantes,
Perfeitamente iguais.

Mostra o enunciado
Que era o *apelido*
Do só Marquez de Távora,
Já há muito falecido.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

CHARADA MEFISTOFÉLICA

6) A *alegria* na *mulher manhosa* provoca-me uma *risada*. (2-2) 3.

Vila Serpa Pinto — *Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)*

CHARADAS NOVÍSSIMAS

7) *Voa* o pensamento *até* Deus, quando sentimos o nosso *fim*. 2-1.

Lisboa — *Rosa Negra*

8) *Alinha* os livros sem *remorso*, seu *vádio!* 3-1.

V. Serpa Pinto — *Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)*

(Ao Copofónico)

9) Por encontrar um *caderno* todo *esburacado* puz tudo em *alvorôço*. 2-2.

Lisboa — *Papa-Almudes (G. X.)*

(Ao confrade Ordisi)

10) *Bandeira* portuguesa! és bem o símbolo *verdadeiro* deste *honesto* PORTUGAL. 1-2.

Lisboa — *Alguem (LAC-T. E.-G. X.)*

11) A *cobertura do cálix*, com *tiras* de seda é tão antiga como as *estacas das habitações lacustres*. 2-2.

Abrantes — *Aocica (L. A. C.)*

12) Pela sua abnegação, *evita* a *aflição* de muitos, o *escoteiro*. 3-1.

Algés — *Marcolim*

CHARADAS SINCOPADAS

13) Abati um *veado novo* com um tiro *infalível*. 3-2.

Luanda — *Zé da Eira*

14) Foi *voltado*, mas ficou *errado*. 5-4.

Lisboa — *Bíscaro (G. X.)*

15) De tanto ter *gritado* ficou para sempre.. *calado*. 3-2.

Lisboa — *Ricardo (T. E.)*

16) Por causa da tua *importunação*, no banquete oferecido aos aviadores, apanhei uma *bebedeira*. 3-2.

Luanda — *Ti-Beaao*

(Ao confrade «Dr. Sicascar»)

17) Do lado do *oriente* vem uma *aragem* branda. 3-2.

Lisboa — *Meio-Kilo (G. X.)*

Ao distinto confrade Marcolim

18) Com *muita intimidade* nunca se *enfade*. 3-2.

Poço do Bispo — *Mirones (L. A. C.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Paris

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de 3 do corrente, no cinema Paris, à rua Domingos Sequeira, à Estrêla, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Alice Betencourt Teotónio Pereira, D. Branca Machado de Carvalho Figueira, D. Hilda Coelho Pery de Linde. D. Margarida Seabra de Oliveira, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Seródio (Sabrosa), D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Antónia de Sá Nogueira, D. Maria Júlia Pellen Campos de Andrade, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, D. Maria Tereza d'Orey e D. Maria Tereza Salema Garção, cujo produto se distinava a um fim verdadeiramente altruista, que deixou no público a melhor impressão, pelo belo programa de filmes que se exibiu.

No São Luiz Cine

A favor das Oficinas de São José, efectuou-se na tarde de 4 do corrente, no São Luiz Cine, uma festa de caridade, cujo programa era constituído pelo filme de fundo «Arco Iris no Rio», dois desenhos animados de reclamo à Philips, e da representação da peça em um acto, original do distinto escritor sr. Mário Marques, intitulada «A ceia das sogras», interpretada em «travesti» pelos srs. D. Lopo de Bragança (Lafões), Gui Val Flor de Brito Chaves e Carlos Espírito Santo de Melo, agradou muitíssimo, tendo atraído à vasta sala dêsse «cine» uma enorme e selecta concorrência.

A festa foi levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.ª Duquesa de Palmela, e da qual faziam parte as seguintes: D. Adelaide Temudo de Sommer, D. Ana de Barros Lamas, D. Ana d'Orey Quintela, D. Beatriz de Viveiros Henriques de Tavora da Silva Pereira, D. Berta Mauperrim Santos de Castelbranco, D. Catarina de Sousa Coutinho (Linhares), Condessa de Mafra, Condessa de Mendia, Condessa de Monte Real, D. Maria da Assunção Viana de Sequeira, D. Maria Benedita Oriol Pena, D Maria Emília Brandão Palha, D Maria Luiza de Vilhena de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Maria Perestrelo d'Orey, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, e Marquesa de Tancos, que decerto ficou plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro como mundano.

Casamento da sr.ª D. Maria Helena Pereira Catarino, com o sr. Manuel de Vasconcelos e Sá (Albufeira), celebrado na paroquial de Santo António do Estoril

Baile de subscrição

Em Évora, realiza-se na noite de 21 do corrente, organizado por uma comissão de senhoras legionárias pertencentes à primeira sociedade evorense, sob a presidência da sr.ª D. Maria José de Matos Fernandes Duarte Silva, espôsa do ilustre tenente-coronel de artilharia sr. Joaquim Duarte Silva, comandante distrital da Legião Portuguesa, um grandioso baile de subscrição a favor do fundo de Assistência Social do 23.º Batalhão da Legião Portuguesa, nos magníficos salões do palácio, onde se encontra instalada a sede do mesmo batalhão.

O baile seguido de ceia à americana será abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band», que se fará ouvir num esplêndido repertório de músicas modernas. Pelo extraordinário interêsse que esta festa de caridade está despertando, não só em Évora, como nos arredores, é de prever que nessa noite os salões do palácio, onde é a sede do 23.º Batalhão da Legião Portuguesa, seja o ponto de reünião obrigatório, não só de tudo que de melhor conta a primeira sociedade evorense e dos arredores do distrito, como da capital.

Casamentos

Realizou-se na igreja da Graça o casamento da sr.ª D. Maria Beatriz, neta da sr.ª D. Felismina Dias Gonçalves Roque e do sr. Francisco Luís Roque, com o sr. dr. António José de Almeida Silva, oficial da Administração Militar e professor da Escola Comercial e Industrial António Arroio, filho da sr.ª D. Sara de Mendonça Enes de Almeida e Silva e do sr. coronel Frederico Henriques de Almeida e Silva.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Gonçalves Roque dos Santos e o sr. José dos Santos, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Frederica Sales e o sr. dr. Vitor Marques Santos.

Os noivos fôram passar a lua de mel para o norte do País.

— Para seu filho D. António, foi pedida em casamento pela sr.ª condessa do Lavradio, a sr.ª D. Eugénia de Almeida (Lavradio), gentil filha dos srs. Marqueses de Lavradio, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

Presidido por Sua Excelência Reverendissima de Mitilène, D. Ernesto Sena de Oliveira, que antes da missa que foi resada pelo prior da freguesia, reverendo Machado Leal, fez uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquíal do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Piçarra Lopes Dias, interessante filha da sr.ª D. Maria do Carmo Andrade Piçarra Lopes Dias, e do sr. dr. Jaime Lopes Dias, ilustre director dos Serviços Centrais da Câmara Municipal de Lisboa, com o sr. dr. José dos Santos Manarte, filho da sr.ª D. Florinda Moreira dos Santos Manarte e do sr. António de Oliveira Manarte.

Fôram madrinhas as mãis dos noivos e padrinhos o avô paterno da noiva sr. José Lopes Dias e o pai do noivo.

Finda a cerimónia, durante a qual fôram executados no harmonium vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finissimo lanche. Os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial de Reguengos de Monzaraz, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Cordeiro Ramos Piteira de Figueiredo, gentil filha da sr.ª D. Judite Cordeiro Ramos Piteira de Figueiredo e do sr. dr. António Augusto Piteira, e sobrinha dos nossos amigos srs. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, dr. Armando Cordeiro Ramos, major Raul Cordeiro Ramos e capitão Mário Cordeiro Ramos, com o sr. dr. Alberto Fialho Janes, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Fialho Janes, já falecida e do sr. Armando Janes. Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Maria do Rosário Vogado Perdigão e de padrinhos os pais dos noivos. Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche. Os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

Casamento da sr.ª D. Maria Beatriz com o sr. dr. António José de Almeida Silva. (Foto, Serra Ribeiro)

— Celebrou-se na paroquial do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Maria Adelaide de Oliveira Raposo, interessante filha da sr.ª D. Maria do Carmo de Oliveira Raposo e do sr. dr. Joaquim Fernandes Raposo, presidente da Delegação da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, em Moura, com o sr. dr. Nataniel Navarro Pedro, licenciado em farmácia, filho da sr.ª D. Maria Antónia Navarro Pedro e do sr. Manuel Pedro. Fôram madrinhas a mãe e a avó da noiva sr.ª D. Bárbara Pimenta Raposo de Oliveira e padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Ezequiel Navarro Pedro, funcionário do Instituto Nacional de Estatística.

Os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para a Madeira, onde fôram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Helena Burnay da Costa Pessoa, esposa do tenente aviador naval sr. Henrique da Costa Pessoa (Vinhais). Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

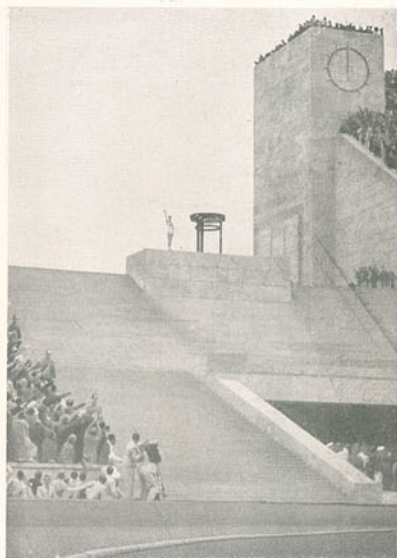
— A sr.ª D. Maria Madalena Amaral Fortes, esposa do sr. dr. Amaral Fortes, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— Na sua casa de Parede, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, esposa do distinto clínico sr. dr. Azevedo Rua. Mãi e filho, encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Alice da Conceição Costa Sequeira, esposa do sr. Antonio Duarte Sequeira, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

D. Nuno.

ILUSTRAÇÃO

A QUINZENA DESPORTIVA

Perfilado em saüdação, o facho erguido ao alto do braço, frente à multidão silenciosa enquanto no ar tangiam as badaladas graves do sino olímpico...

No decurso da quinzena que findou, e estamos em dizer que também no de muitas outras quinzenas precedentes, o maior acontecimento desportivo verificado em Lisboa foi a apresentação do filme de Leni Rieffenstahl sôbre os jogos Olímpicos de Berlim.

A arte da realizadora, auxiliada pela magnitude dos recursos postos à sua disposição, conseguiu o milagre de transformar o que normalmente deveria ser um documentário, embora excelente, no mais empolgante e impressivo dos espectáculos de desporto; a atmosfera do estádio, com seus entusiasmos e emoções, instala-se na tela pela seqüência habilíssima da coordenação das imagens e transporta irresistivelmente quem assiste, pelo espaço e pelo tempo, apresentando com todo o seu poder sugestivo o ardor das competições, a beleza das atitudes, a harmonia dos gestos, enquadrados em ambiente agitado e vivo de realidade.

Êste é o principal merecimento da obra, sobretudo flagrante para aqueles que, como nós, ocuparam em Agôsto de 1936 um dos cem mil lugares da magestosa arena do Reichsportfeld; a cineasta alemã não nos proporciona apenas uma maravilhosa reportagem técnica, prenhe de preciosos ensinamentos dos melhores mestres, porque recompôs também o espírito dos jogos atléticos, nitidamente desenhado no constante antagonismo das imagens que alternadamente exibem a serenidade olímpica dos ídolos, cujas máscaras são poemas expressivos de verdade psicológica, e o irrequietismo apaixonado do público arrastado pelas suas ambições nacionalistas em manifestações de loucura entusiástica, de incitamento fervoroso ou de desilusão amarga que a fotografia traduz com clara eloqüência, com tal eloqüência muda que nenhumas palavras conseguirão equivalê-la.

Como a saudade se acirrou no nosso pensamento à medida que iam correndo ante o olhar maravilhado as primeiras reproduções do inolvidável espectáculo olímpico! Sentimos a mesma comoção irreprensível de há dois anos, quando na tela surgiu o vulto branco do loiro Schaumbougr, perfilado em saudação com o facho erguido ao alto, frente à multidão sùbitamente silenciosa, enquanto no ar tangiam as badaladas graves do sino olímpico; vibrámos com idêntica intensidade durante os escassos quatro minutos em que Lovelock percorreu quilómetro e meio e sentimos, como em Berlim, vontade de gritar, de aplaudir a formidável embalagem final, aqueles últimos 400 metros percorridos em 56 segundos por um homem que já tinha nas pernas mais mil e cem em andamento forçado.

A mecânica do filme é tão habilmente conduzida, que o espectador esquece a sala onde se encontra, se julga integrado naquela multidão incontável que enche as tribunas e, nos momentos decisivos, sente o impulso de a acompanhar quando se ergue num só movimento clamando de entusiasmo, esquecida das preferências que a dividiam anteriormente.

Dissemos que, certos pormenores, as imagens constituem um verdadeiro documento psicológico, em certos primeiros planos onde as expressões fisionómicas são autênticos espelhos de almas; citemos, porque mais nos impressionaram, a máscara concentrada do japonês Nishida quando se prepara para a última tentativa de salto, a elevação espiritual da formosa Valla assistindo ao hastear da bandeira italiana pela sua vitória na corrida de barreiras, a serenidade orgulhosa do lançador do dardo Stöck cantando o hino alemão no côro da assis tência quando a insígnia germânica subiu em sua homenagem no mastro da glória e, acima de todas, a imagem do negro Owens, agachado nas covas como o felino que se prepara para saltar sôbre a presa, olhar vivo, vontade concentrada, imóvel ainda mas impressivo já de dinamismo.

Se a reprodução das corridas é feita sempre em ritmo normal, porque assim o aconselha a necessidade de emoção, as provas de concurso decorrem com retardador que as valoriza cem por cento, pondo em realce a harmonia da seqüência dos gestos no apuramento estilista dos campeões; saltos e lançamentos ganham na apresentação cinematográfica de Rieffenstahl e o espectáculo supera o que foi a verdade.

O concurso de saltos à vara, para citar um exemplo, ocupa no filme pouco mais de dez minutos durante os quais assistimos a mais de vinte pulos, os decisivos, e ainda apresentados de forma a excitar a espectativa do público guardando a decisão para o momento final; em Berlim a mesma prova durou seis horas, foi interrompida pela chuva, e os últimos saltos intervalavam-se de quarto a quarto de hora, fatigando o espírito e dispersando a atenção. O salto vitorioso de Meadows não foi, aliás, a terceira tentativa, mas sim a segunda, e cada saltador não executou consecutivamente os seus três saltos, como no filme se observa, mas sim seguindo a ordem de alternância das disposições regulamentares.

Estas alterações romantisantes, que se compreendem pela necessidade espectacular da obra e em que nada alteram o fundo verdadeiro dos factos, repetem-se na forma de apresentação de quási todos os concursos, na qual saltadores e lançadores invariàvelmente triunfam na tentativa derradeira. Na realidade isso apenas sucedeu com o alemão Hein no lançamento do martelo; Johonson saltou 2m,03 ao primeiro ensaio, tendo levado a prova sem um único derrube, Tajima bateu o "rècord" mundial do triplo-salto à quarta tentativa e Owens conseguiu o mesmo no salto em comprimento ao quinto pulo.

Para elucidação dos apaixonados da verdade acrescentaremos que, nesta prova, o alemão Lang nunca alcançou isoladamente a cabeça da classificação como no filme se diz; ao quinto salto, Lang alcançou 7m,87 igualando a marca anterior de Owens, o qual logo a seguir melhorou para 7m,94 recuperando o primeiro lugar, que confirmou na sexta tentativa com os famosos 8m,06.

A corrida da Maratona, cujo recorte é flagrante de impressionismo, reveste-se para nós de interêsse especial porque nela aparece o nosso representante Manuel Dias na sua perseguição a Zabala durante a primeira metade do percurso, que atinge em quarto lugar e correndo à vontade.

O filme indica contudo, que o português nunca seguiu colado ao argentino e as imagens onde o vemos após a chegada, e que julgamos acrescentadas em Lisboa com elementos do arquivo do C. O. P., são frizante demonstração da coragem do campeão lusitano cuja expressão traduz claramente a dor que o atormenta nos pés sangrantes.

Toda aquela massa incontável de gente se ergue num só movimento clamando de entusiasmo, esquecida das preferências anteriores...

Estampado na claridade difusa do céu crepuscular, o saltador terminou o vôo triunfal que o consagra campeão, após seis horas de luta porfiada

Enganam-se aqueles que traduzem o facies de Manuel Dias como expressivo de esgotamento; o que nele transparece é sobretudo o ritus de sofrimento.

Não queremos terminar estas resumidas apreciações sem referir a parte relativa às provas de gimnástica aplicada e que veio substituir no filme, certamente por motivos de ordem comercial, o trecho magnífico que reproduzia na íntegra as três estafetas. Resta-nos a esperança de que êste seja incluido na segunda jornada, donde foram tiradas as cenas que agora lhe ocupam o lugar.

Os exercícios de gimnástica apresentados são de extraordinária beleza, valorizados ainda pelo ritmo retardado em que decorrem. Executados com impecável perfeição, impressionam pela dificuldade, e dentre êles destacaremos as evoluções do alemão Frey no cavalo-arção e o trabalho fantástico do checo Hudec, campeão olímpico em argolas.

Rápido como felino no salto sôbre a prêsa, o negro Owens parte à conquista da coroa de louros que o espera, cem metros adiante...

■

As provas de natação em água livre na estação mais fria do ano, constituem um luxo que os homens endurecidos nesse utilíssimo desporto se permitem com certa satisfação orgulhosa. Participar e classificar-se em corrida nessas circunstâncias, representa o aval às capacidades de resistência e decisão do nadador.

São conhecidíssimas as travessias organizadas no dia de Natal em diversas cidades ou capitais estrangeiras, entre as quais é sem dúvida mais popular a do rio Sena, em Paris, na distância de duzentos metros que separa as margens junto à Ponte Alexandre III.

Todos os anos, por maior que seja o frio, algumas dezenas de desportistas se lançam à água para ganhar uma jarra de Sèvres oferecida pelo Presidente da República Francesa.

Pois agora apareceu na Bélgica um grupo de fantasistas muito mais aperfeiçoados, os quais se juntaram por iniciativa dum nadador já quarentão, o sr. Rig de Sonnay, no Clube das Fócas que conta mais de cento e cinquenta associados.

Tôda esta gente se reúne na última noite do ano para mergulharem na água gelada dum rio poucos minutos antes da meia noite e só de lá sairem depois da passagem do ano; é um banho que começa em Dezembro e acaba em Janeiro!

Podia dar-lhes para pior!

SALAZAR CARREIRA.

O corredor português Manuel Dias que, apesar do contratempo dos seus pés sangrantes, conseguiu atingir a meta

Bridge

(Problema)

Espadas — 5, 4, 3, 2
Copas — A.
Ouros — V. 3
Paus — — — —

O	N / S	E
Espadas — 9, 8	N	Espadas — R. 6
Copas — R. D. V.	O E	Copas — 10
Ouros — 6, 5		Ouros — R. 10, 9, 8
Paus — — — —	S	Paus — — — —

Espadas — A. D. 7
Copas — — — —
Ouros — A. D. 4, 2
Paus — — — —

Sem trunfo. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A. *e.* e **N** — 2 *p.*
S joga A. *o.*, **O** — R. *o.*, **N** — 2 *o.*, **E** — 3 *o.*
S joga R. *c.*, **O** — 6 *c.*, **N** — 2 *c.*, **E** — A. *c.* (*a*) e qualquer carta que jogue, **S** e **N** fazem tôdas as vasas.

(*a*) Se **E** cede com o 10 de copas, **S** joga V. de copas, **E** joga A. *c.* e tem de jogar ouros, fazendo **S** e **N** as 3 vasas.

Rapazes e raparigas

(Problema)

Entre rapazes e raparigas havia 44 pessoas num pique-nique aqui há tempos realisado. O número dos rapazes era de menos 16 que o dobro do das raparigas. Quantas eram estas?

Testamento dum excêntrico

(Solução)

O testamento reservou 40.000 escudos para a mãe, 80.000 escudos para o filho e 20.000 escudos para a filha.

O transporte do rádio em automóvel

Em Inglaterra, onde a luta contra o cancro prossegue activamente, graças à generosidade de vários doadores, utilisa-se um automóvel especial destinado ao transporte do rádio, do *Central Radium Pool*, para os hospitais que o requerem. Nesse automóvel, que nunca terá de transportar mais de 1 grama da preciosa substância, ha um cofre onde o rádio vai metido debaixo duma camada de chumbo de 102 quilos. Desta forma o *chauffeur* do carro, fica ao abrigo das emanações rádio-activas.

O animal mais veloz

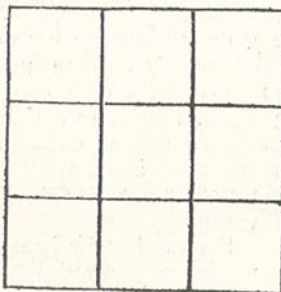
Entre as aves parece ser a andorinha e entre os animais terrestres, a gazela. Uma andorinha apanhada no ninho, na Antuérpia, e deitada a voar em Compiègne, ou seja a uma distância de 240 quilómetros, regressou ao ninho numa hora e oito minutos, tendo viajado com uma velocidade média de mais de 210 quilómetros à hora. Um pombo americano, dizem, percorreu 480 quilómetros à razão de 114 quilómetros à hora.

Pelo seu lado, um inglês, Mr. Roy Chapman Andreros contou que, encontrando-se de automóvel, no deserto de Gabi, perseguiu uma gazela; nesse momento, o conta-quilómetros do seu carro marcava 80 quillómetros à hora; ora o animal desapareceu no horizonte em poucos minutos, de onde se pode concluir que fazia, pelo menos, 90 quilómetros à hora.

A chaga, essa bonita planta trepadeira tam conhecida, é originária da América do Sul, onde cresce naturalmente em tôdas as partes inter-tropicais, principalmente no Perú, no Chili e nas margens do rio da Prata. Os primeiros pés foram trazidos do Perú para Espanha, nos últimos vinte anos do século XVII, isto é, os da pequena espécie em 1680 e os da grande em 1684.

A chaga espalhou-se, em seguida, por todos os outros países da Europa.

As quatro linhas

(Passatempo)

Trata-se de copiar êste diagrama de nove quadrados, com quatro linhas contínuas do mesmo comprimento, sem que nenhuma dessas linhas cruze qualquer das outras.

No Museu Britânico de Londres conservam-se livros escritos em ladrilhos, conchas de ostra, ossos e pedras lisas, e manuscritos em cortiça de árvores, fôlhas, marfim, couro, pergaminho, papiro, chumbo, ferro, cobre e madeira. Também se conservam três Biblias escritas em fôlhas de palmeira.

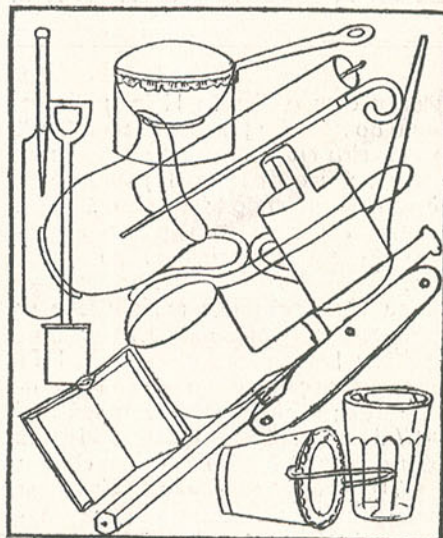
Uma inovação na arte do penteado

Um cabeleireiro da Pensilvânia descobriu um sistema para ondular o cabelo, mais simples, mais seguro e menos dispendioso, do que a actual «permanente».

Esse inovador, Mr. Kenneth Cristy corta, pois, um pouco acima da nuca, uma ou mais zonas de cabelos, de tal modo que as zonas intactas se dobrem, dando a ilusão da ondulação. O bom resultado da operação depende naturalmente da habilidade do cabeleireiro e Mr. Kenneth abriu uma escola onde, por 50 *dollars*, se aprende o sistema de sua invenção.

Os grandes salões de beleza de Nova-York mandaram os seus melhores «peritos» receber lições e milhares de mulheres americanas renunciaram à primitiva «permanente», em favor da que deveria chamar-se a falsa ondulação e que, pelo contrário, se chama ondulação natural.

Os objectos escondidos

(Passatempo)

Neste desenho entram dezesete objectos. Reparem com atenção porque estão todos metidos pelo meio uns dos outros e vejam se são capazes de descobrir quais êles sejam.

A temperatura das flores é grau e meio mais elevada que a do ar que as rodeia.

A floricultura

Não pode haver melhor ocupação para a mulher do que a floricultura. E' uma arte cheia de poesia que agrada ao espírito feminino e que, ao mesmo tempo pode dar bastantes lucros.

Na Bulgária e na Turquia há povoações inteiras que vivem do cultivo das rosas, as quais são aproveitadas para fazer perfumes orientais tão conhecidos e afamados.

Em Grasse, na província dos Alpes Marítimos, também se dedicam à cultura das flores com remuneração vantajosa.

A senhora: **Estes criados, parece que vieram todos do ultramar.**
O marido: **Quem sabe se aquele que nos há de servir já terá embarcado de lá? (Do *Humorist*).**